



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia

*“Banheirão” : um estudo sobre as relações homoeróticas em
banheiros públicos do Rio de Janeiro.*

Cláudio Mathias Pavie

Rio de Janeiro

2005

Cláudio Mathias Pavie

“Banheirão”: um estudo sobre as relações homoeróticas em banheiros
públicos do Rio de Janeiro.

Monografia do curso de Psicologia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nilma Figueiredo

2005

Dedicatória

Para meus pais, Nelson e Glória, e minha querida Nilma, que se mostraram pessoas de suma importância para minha vida, pelo amor que tem pelo próximo, pela integridade, honestidade e respeito, ou seja, pessoas a quem tenho o prazer de me espelhar como ser humano.

AUTORRETRATO CON UN GLORIOSO HUECO

Señor, ¿cuándo há de ser?
¿Pasará mucho antes de Tu visita?
Me arrastro pro el aprobioso suelo, esperando, mientras a mi vera
imágenes de alados ángeles y santos;
en el centro de una pared adornada con divinas palabras de oro
y plata,
un glorioso hueco — Tu radiante visitación a través de este,
¿todavía no es la hora justa?
Oh, cuando así sea, me arrodillaré ante ti,
locamente abriré mis labios ressecos y rotos por la sed,
y como el aterrador profeta dijo,
llenaré mi boca de ti.

Dentro de mi boca muy pronto crecerás,
tu santo receptáculo violentamente se llenará y chorreará
hasta mis sorprendidos ojos, mi corta nariz,
sobre mi corte de militar con abundante y joven pelo gris,
y en mi estrecha frente, desparramándose por doquier, goteará
despacio,
y al igual que marcas de babosa, glotonamente brillarás —
en Tu incomparable compasión, como alguien a quien violaron,
cerraré mis ojos em sufrimiento, y gemiré...
¿Cuándo há de ser? ¿cuánto pasará hasta Tu visita?

Dichas estas palabras, el rostro, como una bota de piel de cerdo la
cual
ha goteado licor,
se desinflató em arrugas, se replegó sobre el cuello,
y junto com el cuerpo encaramado al retrete, se dejó caer.
Acabado el confuso incidente, frente al retrete,
Se erguía la pared llena de graffittis,
y desde el otro lado del hueco em la mitad de la pared, un
deslumbrante
ojo seco estaba observando.

(Mutsuo Takahashi)
In: Amores Iguales, 2002

Agradecimentos

Ao longo deste estudo, desde seu início até sua conclusão, são muitos aqueles a quem eu gostaria de expressar meu agradecimento e carinho por participarem e compartilharem das diversas etapas deste trabalho. Entre eles:

Meus agradecimentos especiais aos meus pais Nelson e Glória, a quem tanto amo, pelo carinho, amor, apoio e manutenção durante toda a minha vida.

Sou imensamente grato à prof. Dr^a. Nilma Figueiredo, minha querida orientadora, pela sua valiosa orientação, paciência, dedicação, incentivo e carinho durante os anos desta pesquisa.

Agradeço a meus queridos Luiz De Aquino e Tiago Fontes pelo incentivo, sugestões, críticas e idéias que tanto me ajudaram ao longo deste estudo, além do apoio e estímulo constantes.

Agradeço a meus irmãos Fábio e Marcelo e a minhas avós Elvira e Ennia pelo apoio e incentivo durante a pesquisa.

Meus agradecimentos ainda a meus amigos Priscila Vianna, Jessye Cantini, Paula Monteiro, Sara Mululo, Mayra Lameirão, Flávio Guilhon e Isabela Nery, que sempre incentivaram, apoiaram e se interessaram por esta pesquisa.

Um profundo agradecimento a todos aqueles que se dispuseram a serem entrevistados para este trabalho, pela sua compreensão e coragem de compartilhar suas vidas comigo.

A todos vocês o meu “muito obrigado”.

Sumário

| | |
|---|----|
| Dedicatória ----- | 3 |
| Agradecimentos ----- | 5 |
| Resumo ----- | 9 |
| Introdução ----- | 11 |
| Cápítulo I - Erotização do espaço público e impessoalidade ----- | 16 |
| 1.1 - Público x Privado----- | 16 |
| 1.2 - Erotização do espaço público, Rio de Janeiro e Impessoalidade----- | 18 |
| Cápítulo II - O banheiro público como locus de interação homoerótica ----- | 25 |
| 2.1 - Um encontro de “banheirão”----- | 28 |
| 2.2 - Sexo fácil, rápido, anônimo e discreto----- | 30 |
| 2.3 - A democratização da “pegação”----- | 33 |
| 2.4 - Proibido para mulheres ----- | 34 |
| 2.5 - O local----- | 36 |
| 2.6 - A paquera e os códigos----- | 38 |
| 2.7 - O sexo----- | 45 |
| Cápítulo III – Sexo, Homens, Mulheres, Homoerotismo | |
| masculino, Homoerotismo feminino e Promiscuidade ----- | 48 |
| Cápítulo IV – Metodologia ----- | 52 |

| | |
|---|-----------|
| 4.1 - Fundamentos teóricos e metodológicos----- | 51 |
| 4.2 - Amostra----- | 52 |
| 4.3 - Observação de campo----- | 53 |
| 4.4 - Entrevistas----- | 58 |
| Cápítulo V – Análise de conteúdo das entrevistas----- | 60 |
| 5.1 - Idade----- | 60 |
| 5.2 - Grau de escolaridade----- | 61 |
| 5.3 - Orientação sexual----- | 62 |
| 5.4 - Estado civil----- | 62 |
| 5.5 - Ocupação----- | 63 |
| 5.6 - Relacionamento----- | 64 |
| 5.7 - Bairro de residência----- | 65 |
| 5.8 - “Pegação” em outros lugares públicos----- | 66 |
| 5.9 - Há quanto tempo faz “pegação” em banheiros públicos----- | 67 |
| 5.10 - Saber da existência de contatos sexuais entre homens em banheiros públicos----- | 68 |
| 5.11 - Atos sexuais praticados ou sofridos nos banheiros públicos----- | 69 |
| 5.12 - Uso de preservativo nos atos sexuais no banheiro público----- | 70 |
| 5.13 - Existência de sexo anal acontecendo sem preservativo no banheiro público----- | 71 |
| 5.14 - Continuidade ou não dos atos sexuais com o(s) parceiro(s) fora do banheiro após o orgasmo----- | 71 |

| | |
|---|-----------|
| 5.15 - Locais do banheiro onde os entrevistados costumam fazer sexo (oral ou anal) ou masturbação (a si ou ao outro)----- | 72 |
| 5.16 - O banheiro como lugar que proporciona excitação----- | 74 |
| 5.17 - O perigo como aspecto de excitação----- | 75 |
| 5.18 - O sentimento depois da “pegação”----- | 75 |
| Conclusão ----- | 77 |
| Bibliografia ----- | 80 |
| Referências bibliográficas ----- | 84 |
| Anexos ----- | 88 |
| Anexo A - Entrevistados----- | 88 |
| Anexo B - Questionário semi-estruturado de entrevistas ----- | 90 |
| AnexoC - Comunidades do orkut dedicadas a “pegação” em banheiros públicos----- | 91 |
| AnexoD – Blogs dedicados a “pegação” em banheiros públicos----- | 92 |

Resumo

A literatura brasileira não possui um grande número de pesquisas sobre a questão do sexo impessoal entre homens em lugares públicos. Alguns autores como, Carmen Dora Guimarães, Richard Parker, Nestor Perlongher, James Green e Veriano Terto Jr. falam sobre o assunto em meio a outros temas como subcultura homossexual, identidade de gênero, papéis sexuais assumidos e outras questões, sendo que Terto Jr. possui um estudo específico para o sexo impessoal em cinemas do Rio de Janeiro, assim como Alexandre Fleming Câmara Vale, no Ceará. O objetivo deste estudo foi verificar quais as motivações e circunstâncias que propiciam a prática do sexo entre homens em banheiros públicos do Rio de Janeiro. A metodologia consistiu numa abordagem qualitativa de cunho fenomenológico, cuja amostra foi composta por 23 homens que afirmaram praticar sexo com outros homens em banheiros, cuja faixa etária variou entre 18 e 45 anos. Esses homens eram oriundos de diferentes bairros do Rio de Janeiro, com nível de escolaridade entre o ensino médio e o ensino superior, sendo estudantes e/ou profissionais. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais, através de um sistema de mensagens instantâneas pela Internet, devido ao fato da maioria dos entrevistados se sentir inibida para falar sobre o tema pessoalmente. Em seguida foi feita uma análise do conteúdo das entrevistas. Os resultados encontrados demonstram que esses homens “estão lá pela facilidade de encontrar sexo”; “é prático”; “oferece menos perigo que outros locais públicos como praças e parques”; “é um lugar excitante”; “é sensação de satisfação rápida, anônima. Sexo pelo sexo”; “você vai com a certeza de que vai transar sem ter que conversar muito”. Concluiu-se neste estudo a existência de uma forma de conceituação e organização dos desejos e práticas homoeróticas que convergiu em grande parte para a erotização do espaço público, ou seja, qualquer espaço público pode dar margem a aventuras sexuais de caráter homoerótico baseadas na impessoalidade. O banheiro parece ter ganhado um papel de destaque quando se trata de interações homoeróticas de caráter fugaz. Foi criada uma subcultura do prazer envolvendo esse local, gerando códigos específicos entre os participantes, citações em guias gays, sites, blogs e comunidades na Internet.

Abstract

The Brazilian literature does not have a lot of researches about impersonal sex among men in public places. Some authors, like Carmen Dora Guimarães, Richard Parker, Nestor Perlongher, James Green and Veriano Terto Jr. talk about this subject while they're talking about other themes like homosexual subculture, gender identity, assumed sexual roles, and other correlated things. Terto Jr. has a specific study about impersonal sex at cinemas in Rio de Janeiro, as Alexandre Fleming Câmara Vale in Ceará. The objective of that study was to verify the motivations and circumstances that propitiate the practice of sex among men in public restrooms in Rio de Janeiro. The methodology applied consisted on a qualitative initiation and the sample was composed by 23 men that affirmed they practiced sex with other men in public restrooms. Their ages varied from 18 to 45 years old. Those men lived in different places of Rio de Janeiro. They had different schooling, from high school to major degrees, students and professionals. Interviews were semi-structured and applied by quick messages on the internet because most of the people feel inhibited for talking about the theme personally. Then the interviews content was analyzed and the results demonstrate that those men "are there because it's easy to find sex"; "it's practical"; "offers less danger than other public places like parks"; "it's an exciting place"; "the sensation of being satisfied quickly and anonymously, sex just for having sex"; "you can be sure that you will have sex without the need of talking a lot". It was concluded through that study that there was a way of organizing and creating concepts of homoerotic desires and practices that converged to the sexually arousing of the public spaces, it means, any public space could give the opportunity for impersonal and homoerotic sexual adventures. It seemed that the restroom had won a distinguished role when we are talking about quick and superficial homoerotic interaction. Thus, a subculture of pleasure involving that place was created, as well as specific codes among the participants, which is shown on the internet throughout gay guides, websites, blogs and gay communities.

Introdução

O interesse pelo tema teve início a partir de uma conversa informal entre amigos. Em meio a vários assuntos surgiu o relato sobre um rapaz que havia confessado praticar sexo com homens desconhecidos em banheiros públicos. A descoberta, pelo rapaz, desse tipo de comportamento, que aqui chamaremos de “pegação”¹, fez com que não mantivesse mais nenhum relacionamento duradouro pela excitação que essa atividade lhe gerava. A essa informação somaram-se as observações de funcionários encarregados da limpeza de banheiros masculinos em um shopping do Rio de Janeiro, nas quais havia referência a esse tipo de prática.

Essas conversas despertaram um profundo interesse sobre o assunto, posto que não era a primeira vez que alguém relatava alguma história de sexo em banheiros públicos. A partir disso, foi realizado um levantamento na Internet que revelou uma enorme quantidade de blogs² e sites³ relatando experiências de sexo anônimo em banheiros, alguns promovendo debates sobre os melhores locais ou mesmo dando dicas de como proceder. Descortinou-se, então, a realidade de uma prática que é mais comum do que se possa imaginar: o *sexo entre homens em banheiros públicos do Rio de Janeiro*.

Não existe, até o momento, um grande número de estudos relevantes sobre a questão do sexo impessoal entre homens em lugares públicos no Brasil. Alguns autores como, Richard Parker (1991;2002), Nestor Perlongher (1987), James Green (2000), Veriano Terto Jr. (1989) e Carmen Dora Guimarães(1984;2004), falam sobre o assunto em meio a outros temas como subcultura homossexual, identidade de gênero, papéis sexuais assumidos e outras questões. Terto Jr. possui um estudo específico para o sexo impessoal em cinemas do Rio de Janeiro, assim como Alexandre Fleming Câmara Vale, no Ceará, tratou do mesmo tema.

¹ Usar-se-á neste estudo o termo “pegação” definido por Guimarães (2004, p.51), como sendo “ a procura de parceiro sexual em lugares públicos”.

² Segundo a definição da página principal do blog do UOL(Universo Online), “é um diário online em que você publica histórias, idéias e imagens”.

Nos Estados Unidos encontramos uma grande quantidade de autores discorrendo sobre o tema, como a coleção *Public sex, gay space*, organizada por W. Leap, com treze textos de antropologia, estudos literários, arquitetura, história, sociologia, criminologia e política discutindo a produção de espaços sociais investidos de significado erótico por homens que fazem sexo com outros homens, lançada em 1999. Jacobo Schifter também aborda o assunto em seu livro chamado *Public sex in latin society*, onde discute o sexo público na sociedade latina. O livro *Tearoom trade: impersonal sex in public places*, de Laud Humphreys, um sociólogo americano que estudou a questão do sexo impessoal entre homens em banheiros públicos, chamados por eles de “tearrons”, no final da década de 60, também trouxe contribuição significativa a esse tema.

Diante da lacuna com relação à bibliografia especializada no Brasil, resolveu-se focar este estudo na questão do sexo impessoal em locais públicos, especificamente em banheiros. O objetivo foi verificar as motivações e circunstâncias que propiciam a prática do homoerotismo nesses locais. Chegou-se a encontrar comentários sobre o tema em determinados livros, mas nada realmente aprofundado, que falasse mais detalhadamente sobre a ocorrência desse fato, que se mostra tão comum nos dias atuais. Optou-se, então, por uma pesquisa qualitativa e fenomenológica para melhor compreender de que forma ocorre esse fenômeno. Com tal propósito foram realizadas entrevistas com homens de diferentes idades que se envolvem nessa prática, observações de banheiros citados como sendo importantes, levantamento bibliográfico, além de uma busca em sites, blogs e comunidades da Internet destinados a essa prática.

A amostra é composta de vinte e três homens, todos praticantes de sexo anônimo em banheiros públicos, adultos, com idades variando entre 18 e 45 anos, oriundos de diferentes bairros do Rio de Janeiro. Além da idade, os sujeitos foram questionados quanto a seu grau de escolaridade, profissão, estado civil e bairro de residência.

A maior parte das entrevistas foi feita pela Internet, através do MSN Messenger, um sistema de mensagens instantâneas, devido ao fato dos entrevistados se sentirem inibidos para conversar sobre o tema pessoalmente. Os entrevistados argumentaram que pela

³ “Uma localização na Internet que frequentemente abriga um ou mais servidores, ou um conjunto de páginas relacionadas na web”(Tachizawa & Mendes, 2004, p.145)

Internet se sentiriam mais à vontade para responder as perguntas e falar sobre o tema, sendo preferido esse tipo de entrevista por respeitar a vontade dos sujeitos e assim gerar dados mais completos. Foram realizadas entrevistas individuais e semi-estruturadas, tendo a duração média de 60 minutos. Menciona-se ainda que os sujeitos estão identificados por nomes fictícios, com o intuito de preservar a confidencialidade das entrevistas. O roteiro semi-estruturado de entrevistas se encontra em anexo.

A pesquisa foi realizada em várias etapas, no campo da observação, da entrevista e da leitura, no período compreendido entre janeiro de 2004 e julho de 2005.

É importante ressaltar que essa pesquisa é um recorte de uma prática envolvendo homens que fazem sexo com homens em locais públicos no Rio de Janeiro, não se estendendo assim a todos aqueles que possuem desejos homoeróticos. Frisa-se desta maneira, que esta pesquisa tem caráter exploratório, e seus dados são representativos apenas de uma parcela dos homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro.

Neste estudo optou-se pelo termo “homoerotismo” ao invés de “homossexual”, “homossexualidade” ou “homossexualismo” adotando a posição de Costa (1992), que propõe que estes termos foram inventados pelo discurso “médico-sexológico” e “catalogador” do século XIX associado à idéia de Kraft-Ebing⁴, que organizava a excitação sexual em normal ou patológica tendo como base o seu compromisso com a reprodução. Segundo Costa (1992), não existe uma “substância” ou “essência” comum a todos aqueles que se representam ou são definidos como homossexuais. Essa visão “catalogadora” pressupõe uma dita igualdade entre esses indivíduos, sendo sentida como central da constituição das “individualidades” ou “personalidades”, montando-se e afirmando assim a noção de indivíduos “homossexuais” em oposição ao seu outro complementar os indivíduos “heterossexuais”. A partir disso não é legítimo falar-se de uma subjetividade homossexual. Essas classificações nada dizem das subjetividades dos indivíduos, vivências, dores, produções simbólicas particulares, etc.

⁴ Médico austríaco que foi um dos pioneiros no estudo da homossexualidade e que influenciou a medicina com seu livro “Psychopathia Sexualis”, onde conclui que “os uralistas sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia”. (Fry & MacRae, 1983, p.64)

Jurandir Costa, em seu livro *A inocência e o vício*, expõe a seguinte opinião quanto ao termo homoerotismo:

“Prefiro o termo homoerotismo a homossexualismo porque esse último, além da conotação preconceituosa do senso comum, está excessivamente comprometido com a ideologia psiquiátrica que lhe deu origem. Fora isso homossexualismo tem a desvantagem de ser uma noção teórica frouxa e clinicamente pobre. Sem meias palavras, é uma noção que quando não atrapalha, também não ajuda. Homoerotismo, ao contrário, obriga-nos a rever o modo como pensamos no fenômeno da atração pelo mesmo sexo”(Costa, 1992, p.77).

Homoerotismo é apresentado neste trabalho então como o envolvimento erótico entre pessoas do mesmo sexo, neste caso em particular homens que fazem sexo com homens, não havendo assim o intuito de rotulações para com esses homens em classificá-los como “homossexuais”, “heterossexuais”, “bissexuais” ou algo semelhante.

Alfred Kinsey⁵, de maneira brilhante, já falava em 1948 que deveríamos pensar o comportamento sexual como um contínuo que se estende do comportamento exclusivamente heterossexual até o comportamento exclusivamente homossexual. Kinsey dizia:

“Os machos não se dividem em dois grupos distintos: os heterossexuais e os homossexuais. O mundo não está dividido em ovelhas e carneiros. Nem todas as coisas são negras, nem todas as coisas são brancas. É um princípio fundamental do sistema de classificação que raramente na natureza se encontram categorias nitidamente separadas. Só a mente humana inventa as categorias e tenta abrigar os fatos em compartimentos separados. O mundo vivente representa uma continuidade em todos os seus aspectos. Quanto mais depressa aprendermos esta noção, aplicando-a ao comportamento sexual do homem, tanto mais depressa compreenderemos claramente o que é a realidade do sexo”(Fry e MacRae, 1983, p.79).

Os homens costumam usar o banheiro de forma breve, realizando suas necessidades fisiológicas, lavando as mãos e indo embora, tudo geralmente sem a troca de palavras com desconhecidos. O banheiro masculino, diferentemente do feminino, não costuma ser um

⁵ Biólogo que publicou em 1948 o “Comportamento Sexual do Homem”, um estudo detalhado e cientificamente respeitável que compilou informações estatísticas sobre um total de 12.214 entrevistas de homens brancos. Mostrou que, em termos de comportamento, os homens dos Estados Unidos não podem ser divididos em dois grupos estanques: homossexuais e heterossexuais. Lançou posteriormente o “Comportamento Sexual da Mulher”.

lugar de socialização, onde, homens vão acompanhados para conversar, onde se conhece pessoas a partir de um elogio sobre a roupa e o cabelo, ou onde a conversa defronte o espelho surge a partir de um batom emprestado ou algo do gênero. Não existe a socialização que o banheiro feminino possui, sendo o tempo de permanência o menor possível.

Esse mesmo banheiro, que para a maioria dos homens é um lugar de apenas excreção e higiene, para muitos desperta fantasias onde a intimidade de um órgão sexual a mostra no mictório ou no reservado desperta fetiches e desejos sexuais. A possível transgressão da regra, que transformaria este local em palco de sexo com qualquer desconhecido, parece excitar homens de diversas faixas etárias e níveis sócio-econômicos e culturais distintos. A partir dessas fantasias foi desenvolvida uma série de códigos, onde o olhar parece ser o ponto chave para a identificação de outro que compartilhe do mesmo desejo. Sabendo que homens, na maioria das vezes, não demoram no banheiro, apenas entram, fazem o que necessitam e saem, esses homens passaram a se manter mais tempo nestes locais, fazendo uma série de rituais e analisando todos que entravam através da troca de olhares e sua possível retribuição. O silêncio e a discrição se mantiveram como forma de mascarar, para aqueles que não estão inseridos naquele contexto, tudo o que acontece nesses locais.

Os envolvidos nessa prática clandestina são homens de todas as idades, estilos e formas físicas, solteiros ou não. Uma parcela de homens casados com mulheres ou tendo namoradas também faz parte desse universo, aquela que, em muitos casos, não frequenta bares e clubes gays, mas que também sente desejo em se relacionar com outros homens e tem o banheiro como um lugar “neutro” e de fácil acesso para realização dos seus desejos.

O sexo em grande parte das vezes não passa de masturbação e de um contato oral, mas em alguns casos chega à penetração anal. Essa “descarga” sem nenhum envolvimento emocional atrai uma grande variedade de homens, uma vez que existe a facilidade de um encontro rápido, impessoal e sem o compromisso de uma relação.

Cápítulo I

Erotização do Espaço Público e Impessoalidade

1.1 - Público x Privado

No âmbito do público e do privado tem-se a oposição entre a casa e a rua, locais com características peculiares marcantes e que definem espaços com metáforas e símbolos próprios, marcando modos de ser e agir distintos por intermédio de contrastes, oposições e complementaridades. DaMatta(1987) mostra que casa e rua são categorias sociológicas que designam não só espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, “mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”(DaMatta, 1987, p.15). Deve-se notar porem que a oposição casa/rua não é estática nem absoluta, ao contrário, ela é dinâmica e relativa. Segundo DaMatta(1987, p.59), “ na gramaticalidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua casa ou seu ponto”. A casa é concebida como um espaço íntimo e privativo, assim como um espaço de personalidade, onde não se vêem indivíduos, mas sim pessoas que se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo ou vínculos de hospitalidade e simpatia. A casa possui um simbolismo extenso em nossa sociedade, vindo dela palavras como casamento ou casal, denotando relacionamento, algo que condiz com o espaço da morada e residência. A casa é o espaço da família, da hospitalidade, de sentimentos como “amor” e “carinho”, espaço de acolhimento, “porto seguro” da disputa e impessoalidade do mundo exterior.

Na opinião de DaMatta(1987) a rua é o lugar da impessoalidade, da individuação, da luta e da malandragem. Lugar onde se admitem contradições, estas são próprias deste espaço, em oposição à casa, onde contradições podem levar a um intolerável mal-estar. Na rua os indivíduos passam anônimos e desgarrados, implicando um comportamento que muitas vezes não condiz com aquele da casa. Malandros e marginais em geral podem ser bons e carinhosos pais de família; mulheres promíscuas podem ser esposas zelosas e boas donas de casa; homens que se envolvem em relações sexuais com outros homens podem ser maridos “machões” em casa; etc.

A partir do momento em que se pensa a rua como um espaço com valores de individuação contrários à ordem da casa e dotados de extrema impessoalidade e anonimato, muito ampliados devido à urbanização e crescimento das cidades e declínio da influência da Igreja Católica a partir do início do século XX, tem-se abertura a relações sexuais fugazes em espaços públicos.

As relações sexuais em banheiros públicos nos remetem a essa questão dos limites do público e do privado. Banheiros de shoppings e rodoviárias, por exemplo, estão abertos a todos que queiram entrar, sendo antes de qualquer coisa um lugar público (espaço da rua), mas dando lugar a práticas que em geral são privadas (espaço da casa), como as relações sexuais ou a masturbação. A partir disso pode-se pensar no banheiro desenvolvendo duas funções: a de definir um espaço íntimo e privado a uma pessoa, já que lá se vivem relações sexuais secretas ou faz-se a eliminação de dejetos, e de demarcar um espaço inteiramente público, quando pensado o banheiro como lugar comum, aberto ao público em geral cuja finalidade seria a excreção de urina e fezes. Terto Jr. (1989) trata dessa fronteira entre público e privado, na questão do sexo dentro do cinema pornô. Segundo ele, existe certa privacidade para aqueles que ali estão para o sexo, já que oferece certo isolamento, seria o lugar onde se vivem segredos (ou paixões secretas), estando assim na esfera do privado; entretanto é público, aberto a todos aqueles que possam pagar o valor do ingresso, estando aberto a qualquer pessoa.

Ao longo desse estudo a questão do público e do privado, da casa e da rua, vai se mostrar muito presente, não apenas no âmbito do espaço físico, como o banheiro e o quarto, ou do papel assumido, como o homem passivo sexualmente na “pegação” de banheiro e o

pai de família e esposo “machão”, mas em diversos aspectos que vão compor essa dinâmica entre a pessoalidade e a intimidade da casa e o anonimato e a impessoalidade da rua.

1.2 - Erotização do Espaço Público, Rio de Janeiro e Sexo Impessoal

O sociólogo americano Laud Humphreys foi pioneiro nos estudos sobre o sexo impessoal em lugares públicos quando, em 1968, já estudava esse tipo de relação nos EUA, como mostra sua tese de doutorado “*Tearoom trade: impersonal sex in public places*”. Tearooms era como os “entendidos”⁶ dos Estados Unidos, antes da Era do “Gay Liberation”⁷, chamavam os banheiros públicos onde ocorria “pegação” homossexual, caracterizada como um relacionamento erótico breve, “impessoal” e não mediado por palavras. Humphreys (1999), por meio de observação participante, estudou a atividade nesses locais e entrevistou participantes interessados em cooperar com a pesquisa, mas essas entrevistas cobriam um segmento minoritário dos frequentadores dos *tearooms*. A maioria destes eram “enrustidos” (*closeted*), homens cujas inclinações homoeróticas não eram evidentes, pois sendo frequentemente casados, qualquer associação com atividades homossexuais representava um perigo. Humphreys então para conseguir entrevistar esses “enrustidos” os seguia quando saíam do banheiro, anotava às placas de seus carros e através delas descobria seus endereços. A partir disso, um ano depois, foi até suas casas e, fingindo estar fazendo uma pesquisa sobre saúde pública, conseguiu dados sobre esses homens. Seu

⁶ “Na década de 1960 surge um novo termo para nomear uma figura social cada vez mais comum e aceita, o entendido e a entendida, uma espécie de equivalente tupiniquim do gay, que se alastra nos Estados Unidos na mesma época. O entendido e o gay vieram a denominar pessoas que transam pessoas do mesmo sexo sem que adotassem necessariamente os trejeitos associados às figuras da bicha ou do sapatão. Ao contrário destas, as novas palavras não são pejorativas”. (Fry & MacRae, 1973, p.24)

⁷ Momento da história do movimento gay pós 28 de julho de 1969, dia em que aconteceu a “Rebelião de Stonewall.” “Na noite de 28 de julho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o gueto gay de Nova York.(...) Os frequentadores do bar reagiram e começou uma batalha que durou o fim de semana inteiro. Gritava-se palavras de ordem como “Poder gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes”, etc.(...)

procedimento para conseguir dados para a pesquisa foi muito criticado na época. Segue abaixo um trecho de seu livro:

“Alguns minutos depois das cinco horas da tarde de um dia de semana, quatro homens entram em um banheiro público, no Parque da Cidade... O que levou esses homens a largar a companhia de tantos outros que a essa hora se dirigem para casa ao longo das estradas? Que interesse comum traz esses homens, com experiências de vida tão diferentes, a essa instalação pública? Eles não vieram pelas razões óbvias, mas sim em busca de sexo imediato. Muitos homens, casados ou solteiros, que se identificam como heterossexuais ou que apresentam uma auto-imagem homossexual, procuram pelo sexo impessoal e sem envolvimento que proporciona excitação sem compromisso. (...) O fenômeno do sexo impessoal permanece como uma forma comum, mas raramente estudada de interação humana”(Humphreys, 1999, p.29).

Os encontros entre homens com fins sexuais em espaços públicos do Rio de Janeiro vêm desde a *Belle Époque*, onde esses encontros já ocorriam em determinados lugares do Centro da cidade. Um desses lugares era o Largo do Rossio⁸, uma praça do Rio antigo, ocupada por boêmios e prostitutas assim como homens que buscavam parceiros sexuais ou que iam socializar-se com amigos. Segundo Green (2000, p.) “a atividade homossexual clandestina que se criou ali foi tamanha que, em 1870, o administrador da Intendência Municipal enviou um comunicado ao presidente desta informando a situação”. Conforme Terto Jr. (1989), os mictórios de parques e praças da cidade também faziam parte dos espaços de socialização homoerótica no Rio antigo, além dos cinemas de bairro e bancos de jardins e praças.

Segundo Parker (1991; 2002) parece ter surgido uma nova forma de conceituação e organização dos desejos e práticas homoeróticas que se convergiu em grande parte para a erotização do espaço público. Com a abertura do espaço moral pela desintegração da família e o declínio da influência da Igreja Católica nas áreas urbanas maiores e mais impessoais, nas subculturas marginalizadas ligadas à prostituição e homossexualismo, nos círculos sociais boêmios e nas culturas alternativas de jovens, o sistema de significados eróticos durante o século XX foi se alterando para o desenvolvimento de relações sociais

decretou-se a data de 28 de julho “Dia de Orgulho gay”, em comemoração deste “mito de origem”. (Fry & MacRae, 1973, p.96-97)

⁸ Atualmente o que se chamava de Largo do Rossio ou Largo do Rossio Grande, pode ser definido como o espaço onde se encontra a Praça Tiradentes.

relativamente impessoais e anônimas em ambientes mais urbanizados, contribuindo para que o espaço complexo da cidade se tornasse cada vez mais erotizado ou sexualizado. Neste novo contexto, praticamente qualquer espaço público pode dar margem a aventuras sexuais de caráter homoerótico baseados na impessoalidade. Banheiros públicos, parques, praças e similares adquirem significado erótico, misturando prazer e perigo em um jogo quase constante de caça e “pegação”.

Conforme Fry & MacRae (1983), hoje, em algumas grandes cidades brasileiras, são quase infinitas as oportunidades abertas a uma relação impessoal entre dois homens. Numa cidade grande e multipluralizada como o Rio de Janeiro essa afirmação fica clara ao observarem-se os variados pontos de “pegação” gay espalhados pela cidade ou mesmo lugares quaisquer como um banheiro, um cinema ou outro ambiente, que, muitas vezes, não sendo pontos deste tipo de comportamento, podem dar lugar a um contato íntimo furtivo e impessoal após um flerte. Segundo Carrara, Ramos & Caetano (2003) em sua pesquisa sobre política, direitos, violência e homossexualidade, realizada na 8ª Parada de Orgulho GLBT do Rio de Janeiro, dentre os homossexuais masculinos entrevistados, 43.4% afirmaram já ter freqüentado lugares de “pegação”. Isso indica um grande número de pessoas dispostas a esse tipo de prática sexual impessoal e fugaz, os lugares então acabam sendo quaisquer ambientes disponíveis para o contato rápido.

A troca de olhares, algo rotineiro no cotidiano de todas as pessoas, é algo imprescindível para a paquera homossexual. É de um olhar correspondido na rua, por exemplo, que pode surgir o convite para um contato sexual rápido em algum lugar próximo. Segundo Perlongher (1987) existe como característica do modo de circulação dos sujeitos envolvidos nas “pegações” homoeróticas, a “paquera” ou deriva. Trata-se de pessoas que saem à rua à procura de um contato sexual. A rua deixa de ser apenas um lugar de trânsito e assume também um status de “circulação desejante”. Para ele a “paquera homossexual” constitui uma estratégia de procura de parceiro sexual adaptada às condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homoeróticos. Na opinião de Guimarães (1984) a “pegação” de rua dispensa maiores comentários. Sendo ela clandestina, dada a construção social, ao longo dos anos, do preconceito contra os homossexuais, se organiza

racionalmente, visando ao mínimo de risco e máximo de eficiência no menor tempo possível.

A partir das falas dos entrevistados pode-se comprovar esse caráter de “infinitas possibilidades” da rua:

“Dia desses passava no Largo da Carioca e um cara apertou o pau para mim. Fomos para a escada de um prédio ali perto e rolou a pegação” (Paulo 45 anos).

“Às vezes saía de casa só para isso, outras cruzava com um cara na rua e acabava rolando”(Rubens 38 anos).

“Sexo é algo muito fácil de se conseguir. Lugares onde nem se imagina tem pegação”(José 27 anos).

“O lance é o local, que tem que ser meio deserto, não muito, e ter algum homem por perto. Já fiz num ônibus Frescão, daquele tipo leito, na pista Cláudio Coutinho na Urca, enfim, existem muitos outros locais”(Tony 28 anos).

O Rio de Janeiro possui vários locais onde ocorrem interações homoeróticas impessoais e fugazes. Shoppings, ruas, cinemas, parques, banheiros e uma série de outros lugares, são citados em comunidades da Internet, blogs, sites, guias gays, livros, assim como no próprio meio gay, como lugares onde ocorre sexo entre homens. Aterro do Flamengo, a Via Ápia, o Campo de Santana, os banheiros de alguns shoppings e rodoviárias, os banheiros de algumas universidades, os cinemas pornôs e alguns parques, são apenas alguns exemplos de locais onde a “pegação” acontece todos os dias.

Segue a fala de alguns entrevistados sobre a “pegação” em lugares públicos, não sendo banheiros, no Rio de Janeiro:

“Nas universidades rola muito, nas rodoviárias também, no metrô Siqueira Campos, na Central do Brasil, no supermercado, nos cinemas, etc. (...) Já transei na escada de um prédio, dentro do ônibus com um cara que estudava na Uerj, no banheiro, no cinema, na sauna, dentro do trem”(Paulo 45 anos).

“Uma vez fui numa festa no MAM, saí de lá meio bêbado e resolvi dar uma volta lá no Aterro, que tinha lido que lá rolava umas paradas. Rolou polícia, foi maior stress. Fiquei com muito medo. Parei de fazer isso em lugar público” (Victor 23 anos).

“Parques como o Aterro do Flamengo ou o Campo de Santana já freqüentei, mas esses lugares são realmente muito perigosos e desconfortáveis. Além da polícia você tem que se preocupar os bandidos que vão para lá assaltar.

Transar em pé, debaixo de uma árvore olhando para os lados com medo de surgir um bandido ou um policial é demais pra mim. Só vou nesses lugares se estiver com muita dificuldade em conseguir parceiros”(Marcos 26 anos).

Lugares abertos como o Aterro do Flamengo, Campo de Santana ou algumas ruas do centro da cidade, por exemplo, são lugares onde o número de ladrões é alto, além da possibilidade de surgirem policiais a qualquer momento. Esse tipo de “pegação” é muito perigosa, mas oferece a certeza de se encontrar sexo sem a necessidade de uma busca prolongada. São locais onde a orgia tem um papel de destaque, assim como o anonimato das pessoas, oferecendo sexo fácil e rápido. Daniel & Baudry (1977), chamam atenção para os riscos que representam lugares públicos de encontros homoeróticos furtivos, como parques, com relação a enganadores, ladrões e policiais:

“Os riscos multiplicam-se nos lugares de encontro público, parques, vespasianas, cinemas, que certos homossexuais gostam de freqüentar por causa mesmo do anonimato que neles reina – um prazer furtivo trocado sem palavras -, mas que constituem verdadeiras ciladas onde rondam embusteiros, vigaristas e policiais à paisana”(Daniel & Baudry, 1977, p.127).

O centro da cidade parece ser um lugar clássico para o sexo anônimo entre homens, já que desde a Belle Èpoque é palco dessas interações. O Largo do Rossio ao longo das décadas foi cedendo espaço a outros lugares como sítios de “pegação”, a Via Appia, a Cinelândia, a Lapa, a Central do Brasil, o Campo de Santana e algumas ruas do Saara são alguns dos lugares que ganharam esse espaço. Guimarães (2004) fala sobre a “pegação” de rua no Centro da cidade na década de 70:

“Os locais no Centro especificamente destinados à “pegação de rua” (das 18 às 24 horas) são a Cinelândia e as ruas periféricas, a Lapa e a “Via Appia” (das 20 às 24 horas), cada um com características e freqüentadores próprios”(Guimarães, 2004, p. 86).

Um lugar curioso de “pegação” atualmente no centro do Rio de Janeiro é um sex shop na Cinelândia. Esse sex shop possui no segundo andar um ambiente gay bastante escuro,

com dark room⁹ e várias cabines com vídeos gays que funcionam a base de fichas. Essas cabines possuem um aspecto peculiar, na parede que divide uma cabine da outra existe um “glory hole”¹⁰, um buraco onde os homens colocam seus pênis de uma cabine para outra para sofrerem felação, praticá-la ou até mesmo praticar sexo anal. O “glory hole” é algo que existe nos Estados Unidos (de onde vem o nome), em uma série de lugares, muitos localizados em reservados de banheiros públicos.

Essas cabines com buracos nas paredes dão vazão a um grau de impessoalidade que chega ao extremo, já que os indivíduos não precisam nem mesmo ver o rosto do parceiro ou outras partes do corpo, acaba sendo apenas um contato restrito pênis-boca, pênis-ânus ou pênis-mão. Os indivíduos são fragmentados e reduzidos apenas à parte que interesse para o contexto sexual do momento. Essas cabines permitem que se encontre sexo fácil e com rapidez, principalmente para aqueles que não assumem seus desejos homoeróticos, podendo dar vazão ao sexo com outro homem no intervalo do almoço ou mesmo antes de ir para casa.

Atualmente esse local é tópico de discussão em comunidades na Internet que abordam a questão do sexo impessoal entre homens, além de ter sido citado por alguns dos entrevistados deste estudo. De acordo com eles, as cabines podem ser abertas e permitir a entrada de outros homens, proporcionando a ocorrência de sexo grupal lá dentro. É um lugar aonde se vai com a certeza de encontrar um outro (ou partes) disposto a uma relação sexual rápida e anônima.

A “pegação” em banheiros merece atenção especial, pois é amplamente difundida no Rio de Janeiro e o número de banheiros masculinos onde acontece é muito extenso e diversificado. Esses banheiros estão distribuídos por variados locais do Rio de Janeiro, indo desde banheiros de universidades a banheiros de catedrais. Humphreys (1999) discorre sobre a diversidade de banheiros que podem dar margem a relações impessoais de sexo

⁹ O Dark Room (quarto escuro) é encontrado em algumas boites gays, sex shops, saunas gays e outros lugares de pegação. É um ambiente sem iluminação onde homens vão praticar todo tipo de sexo com desconhecidos.

¹⁰ O Glory Hole (buraco glorioso) é algo muito comum em bares gay, cabines de vídeo pornô, banheiros públicos e lugares de pegação em geral na Europa e EUA. Consiste num buraco de diâmetro variado, onde o homem coloca seu pênis para sofrer felação, ou mesmo praticar sexo anal, com a pessoa que se encontra do outro lado da parede.

entre homens, citando exemplos de lugares nos EUA como: lojas de departamentos, estações de ônibus, livrarias, hotéis, parques, lanchonetes, YMCAs, corthouses, etc.

Os banheiros da Central do Brasil, por exemplo, têm um grande histórico como banheiros de “pegação”, o jornal Lampião, um conhecido jornal gay já extinto, já falava sobre isso em 1980:

“Ficar amigo, membro da confraria, é quase uma obrigação nos banheiros da Central. Os freqüentadores do Pornô-shop tropical fazem questão de se relacionar e há um certo espirit de corps. Há sempre os que ficam do lado de fora do subsolo, próximo ao café, a velar pela segurança e dar o alarme ao primeiro sinal de presença da Polícia Ferroviária, fardada ou não(...). Mas não é só nisso que se caracteriza a Confraria da Punheta. Seja no hall do subsolo ou mesmo dentro do banheiro – na “sala de estar” – há sempre tempo para um bate-papo ameno, para um cigarro, para um tititi”(Perlonguer, 1987, p.172).

Cápítulo II

O Banheiro Público como Lócus de Interação

Homoerótica

O banheiro como lugar de interação homoerótica não é algo recente ou mesmo relativo ao Rio de Janeiro ou ao Brasil. No Rio de Janeiro ele já era palco de encontros furtivos e fugazes desde o final do século XIX, quando os mictórios do centro da cidade davam espaço a encontros orgiásticos com a finalidade da simples realização de desejos clandestinos entre homens. Nos Estados Unidos os banheiros de “pegação” já eram objeto de estudo de Humphreys em 1968 e eram conhecidos como “tearrons”¹¹. Essas “salas de chá” abrigavam homens em busca de prazer, onde a impessoalidade era o mais importante, já que na sua maioria eram homens casados e respeitados em suas comunidades. No Reino Unido a prática é conhecida como “cottaging”, como afirmou um repórter da BBC de Londres: “uma velha lei que punia por ofensa ao pudor e à moralidade pública o amor físico entre pessoas do mesmo sexo, em banheiros públicos - prática conhecida no metiê como "cottaging" ou, literalmente, sair em busca ou fazer bangalôs, deverá ser revogada”(Lessa, 2003). Atualmente no Brasil a prática recebeu o nome de “banheirão”, algo específico que se diferencia de qualquer outro tipo de “pegação”. O nome surgiu através da mistura entre as palavras banheiro e pegação, sendo geralmente usada na construção: “fazer banheirão”. Ressalta-se que a palavra “fazer” no meio gay possui o sentido de “ter relações ou engajar-se nas orgias”(Terto Jr., 1989, p.177).

Nessa ruptura da linha entre público e privado, dada a sexualização a que os espaços públicos ficaram sujeitos, o banheiro parece ter ganhado um papel de destaque quando se trata de interações homoeróticas de caráter fugaz. Foi criada uma subcultura do prazer

¹¹ “A origem do termo “tearoom”, assim como a maioria das palavras no vocabulário homossexual, é desconhecida. A gíria inglesa tem usado “tea” para denotar “urina”. Outro uso inglês é um verbo significando “encaixe, encontro, ir ao encontro”(Humphreys, 1999, p.29)

envolvendo esse local, gerando códigos específicos entre os participantes, citações em guias gays, sites, blogs e comunidades na Internet, com trocas de experiências, indicações dos melhores locais ou mesmo dicas de como proceder para uma boa “pegação”. Alguns desses sites chegam a ter tópicos específicos com banheiros divididos por regiões, apresentando comentários sobre o tipo de freqüentadores, os melhores dias e horários, os principais cuidados que se deve ter e o tipo de “pegação” envolvida no local. Alguns guias de congressos gays chegam a listar locais de “pegação” como se fossem pontos turísticos do Rio de Janeiro:

“A prática da pegação é amplamente difundida no Rio de Janeiro e se dá em boa parte dos banheiros públicos da cidade (especialmente no centro). No entanto é preciso ficar desconfiado com esta aparente liberdade: pontos de pegação são, normalmente, também pontos de assaltos e extorsão por parte dos policiais (inclusive a paisana). Recomenda-se que ao menos da 1º vez, o visitante vá acompanhado por um carioca. Estão listados aqui apenas locais onde há pegação no sentido mais estrito do termo – ou seja, onde podem ocorrer práticas sexuais no próprio local, e não apenas paqueras”. (Trecho retirado do Guia da 17º Conferência Oficial da Ilga – Associação Internacional de Gays e lésbicas – realizada de 18 a 25 de junho de 1995 no Rio de Janeiro).

Podemos corroborar essa divulgação através dos relatos dos entrevistados transcritos abaixo:

“Há um tempo atrás eu li no blog de um cara sobre um lugar chamado Gozódromo do Menezes Cortes, aí procurei e não encontrei. Até que finalmente há uma semana atrás achei. É um banheiro”(Maurício 28 anos).

“Descobri sem querer num banheiro, quando um cara ficou me olhando mijar e quando eu tava querendo sair ele pediu pra eu por o pau pra fora e mostrar pra ele. Ai saiu outro cara de uma cabine e começou a ver também. Depois conversando num chat descobri q tinha ate um blog que dava endereços de locais para pegação”(Tony 28 anos).

“Faz uns seis meses descobri essa parada pela net, nem desconfiava que isso acontecesse [se referindo à “pegação” em banheiros públicos]”(Victor 23 anos).

O Orkut¹², um site de relacionamentos da Internet, possui fóruns de discussão sobre temas variados, muitos deles dedicados ao sexo impessoal entre homens. Algumas

¹² Segundo a própria página inicial do site: “Orkut é uma comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Proporcionamos um ponto de encontro online com um ambiente de

comunidades são dedicadas exclusivamente ao “banheirão”, como as citadas a seguir: “Pegação em banheiros públicos” (2443 membros), “Eu adoro e faço Banheirão” (56 membros), “Banheirão gay do Rio” (585 membros), “Chuveirão dos caminhoneiros” (1025 membros), “Pegação em WC-SSA (328 membros), “Pegação em Banheiro Público” (105 membros), “Pegação em Banheiros Públicos” (374 membros), “Banheiro dos Machos” (551 membros), “Banheirão Estácio HxH – Rj” (199 membros), “Banheiros de estádios” (464 membros), “Banheiro universitário” (426 membros), “Pegação na UERJ – banheiros (123 membros), “Banheiros Públicos HxH SP” (712 membros), “Pegação em BH-Banheiro, etc.” (188 membros). Essas são apenas algumas das várias comunidades existentes dedicadas a essa prática e o número de membros é relativo a outubro de 2005, crescendo em franca ascensão a cada dia.

Essas comunidades possuem um fato curioso, seus membros não só discutem os melhores banheiros de “pegação”, mas também narram às histórias do é praticado lá, dão dicas de como proceder, explicam sobre a existência de uma “etiqueta do banheirão”, marcam encontros em banheiros públicos ou mesmo se organizam para atos como o de furar paredes de reservados de banheiros para facilitar o sexo estilo “glory hole” ou o voyerismo. Abaixo segue o trecho da resposta de um rapaz chamado Juninho sobre a “etiqueta do banheirão”:

“Gente, a Etiqueta do Banheirão é, quando um não quer dois não brigam. Isso sempre! Mas existem aquelas coisas básicas do tipo: 1) Jamais investir em seguranças, policiais e fardados, a menos que eles iniciem a investida. E mesmo assim todo cuidado é pouco. 2) Nunca entrar numa brincadeira sem ser convidado. 3) Não fazer cara feia, nem xingar alguém que não lhe agrada e que está lhe dando investidas. 4) Não precisa perguntar nome, nem apertar a mão de quem quer "brincar" com você, mas seja agradável, não pense apenas em receber prazer. 5) Desconfie sempre. Não mostre que tem posse de bens. Não saia de casa com vinte cartões de crédito, talões de cheque, jóias... 6) Não ache que o banheirão é boate. Muitos gays, ao se encontrarem em banheiros públicos, conversam, falam alto, fazem algazarra. Isso apenas afasta os mais discretos e interessantes. Ao encontrar um conhecido, seja discreto e cumprimente apenas com um sorriso ou com um "oi". 7) Saiba que pegação em banheiro público é proibido. Respeite as pessoas que não estão ali para fazer pegação. Seja discreto, não dê bandeira. 8) Use SEMPRE camisinha se resolver consumir o ato ou se fizer sexo oral”(Juninho, comunidade “Pegação em banheiros públicos”, Orkut, 10/04/2005).

confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que tem os mesmos interesses”. O

2.1 - Um encontro de “banheirão”

Abaixo segue a narração de um encontro de “banheirão”, retirado da observação de campo do pesquisador deste estudo. Essa interação foi observada numa manhã de quarta-feira, por volta das 10hs 30m, no banheiro de um shopping de Botafogo.

No último mictório da esquerda, perto da parede, um homem branco, vestindo roupa social, óculos de grau, com o cabelo devidamente arrumado e aparentando 30 anos urina normalmente. Ele aparenta buscar algo (ou alguém), olha para os lados diversas vezes, ninguém se aproxima do mictório, o banheiro está vazio e tem pouco movimento. O homem se mantém no mictório por cerca de 10 minutos e posteriormente vai à direção da pia lavar suas mãos.

A porta se abre, entra um rapaz e vai à direção do mictório. O homem volta e finge urinar, olhando discretamente para o rapaz que está a um mictório de distância. O rapaz se mantém indiferente, sai, lava as mãos e vai embora. O homem permanece no mictório, voltando a pia logo em seguida, repetindo o mesmo ritual.

Um novo rapaz entra no banheiro, indo rumo ao mictório, ele é branco, alto, aparentando 25 anos, cabelos longos, estilo despojado e em boa forma física. O homem então retorna ao mictório, parando diante do último da esquerda como se fosse urinar, existe um mictório de distância entre eles. É lançado, do mesmo modo, um discreto olhar, que desta vez é devidamente correspondido de maneira longa e intensa. Os olhares são trocados continuamente, a linguagem verbal não ocorre. Após alguns segundos o rapaz se move rumo ao mictório ao lado, ficando junto ao homem, que se afasta um pouco para trás exibindo seu pênis em ereção. Após olhar atentamente, o rapaz segura-o demonstrando aprovação.

Os dois saem do mictório em direção ao reservado de deficientes físicos, que permite maior privacidade. A porta deste se mantendo aberta dificulta a visualização, de imediato, do que acontece em seu interior, devido a sua posição com relação à porta de entrada.

Dentro do reservado, o rapaz levanta a camisa e abaixa as calças até os joelhos, enquanto o homem, com a calça no lugar, exhibe seu pênis ereto através da braguilha aberta. O rapaz está localizado dentro do reservado próximo à entrada, enquanto o homem está do lado de fora, perto dos mictórios, os dois protegidos pela grande porta aberta. Essa posição estratégica permite que o homem veja a porta do banheiro se abrir e que os dois ouçam o ranger da mesma, permitindo uma recomposição rápida.

Os dois estão posicionados frente a frente, se olhando, enquanto masturbam a si próprios, ao outro ou deslizam a mão pelo corpo do outro. Isso dura alguns minutos, até que alguém entra no banheiro e numa recomposição rápida e tensa o homem vai para o mictório e finge estar urinando, enquanto o rapaz levanta as calças e finge estar urinando no reservado. Os dois se mantêm nessa simulação até que o homem que entrou saia.

Logo após a saída do homem, a masturbação recomeça. Os dois se colocam outra vez nas mesmas posições, o rapaz outra vez abaixa as calças até os joelhos e levanta a camisa, enquanto o homem apenas coloca o pênis para fora da calça pela braguilha aberta. Tudo agora parece acontecer com uma tensão maior, os olhares do homem parecem estar divididos entre o rapaz e a porta. Outra vez entra alguém e a encenação recomeça.

Posteriormente a saída do novo homem, tudo recomeça. A fala continua suprimida, toda comunicação se limitando ao olhar e ao gestual. Após a terceira ou quarta interrupção o homem parece desistir indo embora, nenhum dos dois aparenta estar satisfeito e nenhum deles chegou ao orgasmo. O rapaz, então, retorna ao mictório, provavelmente à espera de outra pessoa que esteja disposta a esse tipo de interação tensa e anônima.

2.2 - Sexo fácil, rápido, anônimo e discreto.

De acordo com alguns entrevistados o banheiro oferece diversas facilidades na obtenção de parceiros para o sexo. Segundo eles, existindo alguém que compartilhe do mesmo interesse, o local propicia a interação sexual, além de ser, em sua opinião, menos perigoso que outros locais públicos de “pegação”.

Segue o relato de alguns entrevistados:

“É um dos meios mais fáceis porque quem está ali quer transar e se o meu objetivo é este ali é o lugar certo, com as pessoas certas. O fato de poder ficar com muitos caras diferentes, com tipos físicos e comportamentos diferentes e também saber que dificilmente não vai rolar sexo é algo que excita. Nesses lugares você vai com certeza de que vai transar sem ter que conversar muito, sem ter que conquistar, paquerar, essas coisas. Parques como o Aterro do Flamengo ou o Campo de Santana já frequentei, mas esses lugares são realmente muito perigosos e desconfortáveis. Além da polícia você tem que se preocupar com os bandidos que vão para lá assaltar”(Marcos 26 anos).

“Acho que as pessoas que vão ao banheiro estão lá pela facilidade de encontrar sexo”(Paulo 45 anos).

“Para mim o banheiro é prático, vou na hora em que estou indo para faculdade, estudo no Méier então é meu caminho. Para mim não oferece perigo por circular muita gente diferente. Os cinemas vão muitos travestis, eles brigam por outros gays estarem invadindo os locais onde eles ganham dinheiro, é perigoso e o Aterro do Flamengo é muito perigoso por causa dos assaltos”(Paulo 45 anos).

“É o lugar que temos a oportunidade de encontrar algo que nos dará prazer, pois é um lugar que tem homens, e sabendo já os points, você sabe que irá rolar algo. Já há banheiros pré-determinados”(João 23 anos).

“No banheiro sempre tem gente querendo pegação, é só ir e escolher”(Humberto 24 anos).

“Acontece em todo e qualquer banheiro. A verdade é que os homens gostam desse tipo de pegação. É fácil, e quem é que não gosta de um sexo oral e anal?”(Geraldo, 22 anos).

Segundo Humphreys (1999), banheiros públicos são preferidos por quem busca atividades homoeróticas impessoal por serem acessíveis, facilmente reconhecidos pelos iniciantes, fornecerem pouca visibilidade pública, possuírem longo volume de potenciais parcerias sexuais, estarem localizados em muitos tipos de lugares públicos e proporcionarem rápida ação

A revista Istoé on-line, numa matéria intitulada “*Meus pais sabem*”, apresenta o relato de um adolescente de 15 anos sobre o quanto é fácil encontrar rapazes dispostos à

dita “pegação” em banheiros de shoppings do Rio de Janeiro. Esse adolescente revela que se habituara a “pegação” com outros garotos nos banheiros dos shoppings da Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro: “É a maneira mais fácil de experimentar. Rola a maior pegação”.

Através da observação do local, do tipo de público e do reconhecimento de alguns códigos, o indivíduo que busca a interação homoerótica acaba percebendo se aquele local é propício para esse tipo de prática e se existe ali alguém disposto a esse contato, compartilhando assim do seu desejo. O contato tem como objetivo o prazer imediato, sem nenhum envolvimento emocional, na maioria das vezes não havendo sequer a troca de palavras. A fala passa a ser desnecessária, já que o interesse ali está no corpo do outro, no órgão genital ou no que possa gerar a descarga de prazer sem o interesse de se criar um vínculo afetivo, mas apenas o de se conquistar o máximo de excitação num prazo mínimo de tempo. Como afirma Perlongher (1987, p.163), “os outros não são vistos como identidades pessoais, mas apenas como possibilidade de um contato parcial, de órgão a órgão”.

Terto Jr. (1989) fala da impessoalidade desse tipo de encontro, onde a superfície importa em detrimento das demonstrações de subjetividade. Conhecer alguém na “pegação”, não é mergulhar na biografia do outro, mas apenas interagir com ele no interesse comum da descarga sexual. Os indivíduos se encontram preservados pela regra do anonimato, não tendo nome, endereço ou idade, figurando apenas a orgia como foco principal. “Um indivíduo freqüentemente busca apenas uma boca ou ânus disponível a sua prática sexual desejada”(Terto Jr., 1989, p.75-76).

O discurso dos entrevistados corrobora os autores citados:

“Não me importo pelo corpo ou rosto, só pela piroca”(Gustavo 28 anos).

“Acho que as pessoas têm um pouco a consciência, de que ali, pelo menos quem quer um namorado, definitivamente não é o melhor local pra arrumar. É prazer efêmero mesmo, descartável”(Tony 28 anos).

“É sensação de satisfação rápida, anônima. Sexo pelo sexo”(Maurício 28 anos).

Por ser um local onde o trânsito de homens é comum e natural, o banheiro se tornou também um lugar “neutro”, onde homens com interesse num contato homoerótico podem realizar suas fantasias sem correrem o risco de serem vistos entrando num lugar gay, ou saindo de um motel com outro homem. Esses locais, além de admitirem que seus desejos sejam satisfeitos e suas vidas íntimas preservadas pela impessoalidade e rapidez dos contatos, são de fácil acesso, permitindo que sejam visitados a qualquer hora e nos mais variados lugares, sem que se desperte qualquer dúvida a pessoas que não compartilham dessa atividade. Segundo MacRae (1986), as práticas sexuais com parceiros do mesmo sexo não se dão somente entre freqüentadores do “güeto”, existindo assim uma série de indivíduos dados a práticas homoeróticas que recorrem a formas mais discretas ou até mesmo furtivas para realizarem seus desejos. O banheiro, nesta perspectiva, entra como uma possibilidade de contato sexual sem a classificação de gueto e sua imagem associada à homoafetividade. A partir disso tem-se a vida íntima preservada e o desejo sexual satisfeito.

Alguns entrevistados declaram existir uma quantidade significativa de homens casados que se relacionam de maneira furtiva com outros homens em banheiros públicos. Afirmam que se pode notar pelas alianças que usam, quando ocorre contato verbal e lhes é confirmado isso ou simplesmente por conhecerem de vista alguns deles. Terto Jr. (1989) fala sobre os homens casados e de porte distinto, que apesar da aparência recatada e formal participam do sexo impessoal com outros homens num lugar público como o cinema pornô, demonstrando extrema desenvoltura e fluidez na manipulação dos códigos e das situações da “pegação”.

Giddens (1992), em seu livro *“As transformações da intimidade”*, fala sobre o aumento do envolvimento de homens casados em relações homoeróticas episódicas:

“A proporção de homens heterossexuais que regularmente se envolvem em atividade homossexual episódica aumentou muito nos últimos tempos apesar do impacto da Aids. Os pesquisadores calculam que, nos Estados Unidos, 40% dos homens casados, em algum momento de suas vidas de casados, envolveram-se em sexo regular com outros homens; outros afirmaram que a proporção era ainda maior”. (Giddens, 1992, p. 161).

Segue abaixo o relato de alguns entrevistados sobre essa questão:

“Eu uma vez“ peguei ”um cara no banheiro do teatro M. no intervalo entre o 1º e o 2º atos. Eu cheguei no mictório, o cara tava lá ficou olhando e acabou rolando. Quando saí do banheiro o cara saiu junto, encontrou com a esposa, disse“ oi querida ”e deu um beijinho nela como se nada tivesse acontecido”(João 27 anos).

“Tem muitos casados. Aliança cara. E tem caras que já encontrei que são casados com amigas minhas também. O mais engraçado é que os caras casados são os mais abusados”(Roberto 42 anos).

“Tem muitos caras que tem namoradas, noivas ou são casados e que curtem fazer pegação em banheiro. Hoje em dia tudo está muito mais liberado. Vêem-se as alianças ou quando se troca palavras. E eles têm medo de assumir que gostam de homens, que sentem prazer”(João 23 anos).

“Minha esposa não sabe que sou bissexual, jamais ela entenderia. Não sou promiscuo, mas saio com homens sim”(Bruno 44 anos).

2.3 - A democratização da “pegação”

A não existência de um padrão para a “pegação”, faz com que o prazer imediato esteja aberto a qualquer um, demonstrando um caráter extremamente democrático desse tipo de prática. Segundo Humphreys (1999), a falta de envolvimento, a impessoalidade e o anonimato permitem que homens com as mais diferentes características, raciais, sociais, educacionais e físicas, se encontrem nesses lugares. Nestas circunstâncias, em que o envolvimento não faz parte das regras do jogo, as preferências pessoais seriam menos importantes. Terto Jr. (1989) cita esse lado tão heterogêneo da “pegação”, envolvendo os mais variados tipos, cujo intuito é o mesmo: se entregar aos jogos sexuais.

“Alguns são travestis, outros se parecem com executivos, pelo terno e a gravata, outros já são velhos, outros jovens; alguns muito viris outros efeminados, nos modos de caminhar e vestir. Alguns indivíduos podem estar quase nus, de short ou usando apenas um minúsculo biquine. Peles brancas, negras, mulatas, uniformes de trabalho e roupas de esporte, revelam a força das aparências, apesar do ambiente escuro e pouco colorido”(Terto, 1989, p.14).

Abaixo o trecho de um artigo na Internet falando sobre o assunto, cujo título é “*Onde tudo é permitido*”:

“Nos banheiros todos são iguais: ricos e pobres, heterossexuais ou homossexuais. Todo mundo está no mesmo espaço, usa as mesmas coisas e faz o que o coração manda. É um universo de sinais, de gestos e de poucas palavras ou nenhuma. Os olhos podem dizer tudo e daí pra frente depende da coragem e imaginação de cada um. Tem gente que gosta de ver o corpo do outro, tem gente que quer tocar, sentir e todos acabam se entregando ali. Porquê ali, tudo é permitido”.

Nota-se esse caráter democrático no discurso de um entrevistado:

“O que vejo é que pessoas com mais idade são aceitas sem problemas, e que em outros lugares gays seriam descartados pela idade. Eu apesar de ter 45 anos, aparento ter no máximo 35, pois malhei muito e por ser negro”(Paulo 45 anos).

A partir das idéias dos autores já citados, pode-se entender essa heterogeneidade com relação à idade, raça, tipo físico ou grau de escolaridade, posto que esses contatos sexuais visam o orgasmo ali mesmo de maneira rápida. O envolvimento afetivo não é o foco, não importando assim a subjetividade do outro, mas apenas a possibilidade do prazer, fragmentando e reduzindo o outro a um ânus, um pênis, uma boca ou uma mão apenas.

2.4 – “Proibido para mulheres”

O banheiro (masculino) é um espaço específico para homens, um lugar onde as mulheres não têm acesso, onde o órgão genital é posto à mostra, mesmo que de maneira rápida no mictório. Esse lugar somente destinado aos homens gera fantasias no âmbito do proibido, dos tabus, da transgressão de regras e regulamentações, tudo em favor do desejo. A fantasia gerada é regulada não por valores morais ou por dogmas religiosos, mas por prazeres, pelo desejo e excitação, pelo orgasmo sobre as regras de uma sexualidade racionalizada e repressora. O próprio desejo passa a ser o regulador da prática, transformando o objeto do desejo em algo menos importante que as sensações físicas que

ele produz. O outro passa a ser apenas uma fonte de prazer capaz de satisfazer o desejo, capaz de fornecer satisfação.

Para muitos entrevistados o banheiro é um lugar que gera extrema excitação pela existência de homens com o órgão sexual à mostra, seja pela distância da parede de um reservado ou por alguns centímetros no mictório. São homens desconhecidos que naquele momento estão com algo tão íntimo à mostra, o que desperta desejos e fetiches em muitos homens. Nas entrevistas verifica-se que o banheiro favorece a excitação sexual para alguns indivíduos por ser um local exclusivamente masculino, íntimo e erótico:

“O banheiro é um lugar que me excita porque é um símbolo da masculinidade. Me excito com homens. Só há homens ali, proibido para mulheres”(Maurício 28 anos).

“O banheiro me excita porque é o lugar onde os pintos ficam de fora”(Rubens 38 anos).

“O banheiro é um fetiche. É onde as pessoas mais expõem suas intimidades. Ficam seminuas, se despem. É um lugar reservado, onde só pode entrar homens. Acho que tudo isso reunido desperta fantasias”(Marcos 26 anos).

“Aqueles pirocas balançando e mijando me deixam excitado. É excitante”(Gustavo 28 anos).

“É o fato de ter homens pelados, de saber que eles vão vai mijar, e por conta disso, vão colocar o pau pra fora. Isso excita”(Geraldo 22 anos).

O perigo gerado pela punição por parte das autoridades em vista da transgressão da regra simbólica do local, já que este não é um local destinado a fins sexuais, é para alguns indivíduos o responsável pela excitação exacerbada. Muitos afirmam que o que mais lhes agrada nesta prática é o risco de poder ser flagrado a qualquer momento, misturando assim adrenalina e excitação que juntos irrompem no orgasmo. Isso se vê presente no relato de alguns entrevistados, como os que seguem abaixo:

“O que me excita é o perigo. O que me atrai é aquele perigo ali, já cruzei com alguns caras que já brincamos no banheiro, tínhamos oportunidade de continuar aquela brincadeira, ate mesmo rolar uma penetração, mas não senti tesão”(Roberto 42 anos).

“O que excita é aquela situação de que de repente vai entrar alguém e te pegar com as calças arriadas”(Paulo 45 anos).

“Me excita o risco de ser descoberto, a adrenalina envolvida nesse risco”(Humberto 24 anos).

“Sempre me excitou o perigo de ser visto ali”(Geraldo 22 anos)

As fantasias sexuais, por não ter parâmetro de limite, vão variar de indivíduo para indivíduo podendo num banheiro masculino, por exemplo, transitar por diversos focos como exclusividade masculina, periculosidade ou anonimato, todas elas tendo como objetivo a satisfação dos mais variados desejos. Segundo Parker(1991), as fantasias dissolvem as repressões e restrições da realidade e, como todo imaginário erótico, se enfocam na satisfação do prazer.

2.5 - O local

Os banheiros possuidores de interação homoerótica são os mais variados possíveis, indo desde banheiros de shoppings centers, que são lugares onde o fluxo de homens é relativamente grande, até banheiros mais ermos como os de igrejas e catedrais. Segundo os entrevistados, não existe um tipo de banheiro próprio ou um lugar específico para a “pegação” onde ele esteja situado, qualquer banheiro pode ser palco desse tipo de interação. Encontram-se banheiros onde ocorre “pegação” em todas as regiões do Rio de Janeiro, sendo que alguns deles são mais conhecidos e procurados, como os de alguns shoppings de Botafogo, terminais rodoviários e ferroviários, shoppings das zonas oeste e norte, universidades na zona norte, estação das barcas e um shopping em Niterói.

Geralmente os banheiros preferidos são aqueles onde se tem uma boa visão da porta, permitindo-se saber quando entra alguém, tanto com relação à “caça”, como a segurança. Banheiros sem porta, com portas baixas, com vidros ou muito próximas ao local principal da “pegação” (como o mictório, por exemplo), fazem com que o local não seja muito propício, já que oferece um risco maior, assim como lugares com uma fiscalização muito rigorosa. Banheiro com áreas escondidas da visão da porta, mas com portas barulhentas e pouca vigilância, acabam sendo também ótimos candidatos a banheiros de “pegação”.

“Quanto mais longe a porta for do mictório e mais paredes tiverem dentro de forma que pareça meio labirinto melhor. Quando eu comi o cara, foi num banheiro do R.D.B. [um shopping], o banheiro é enorme, até você ouvir a porta abrir e fechar já deu tempo de um sair e ir pra cabine do lado sem ser visto. Isso varia de local pra local”(Tony 28 anos).

“Dava preferência a banheiros que tinham portam barulhentas, dessas que fazem barulho quando alguém vem, ou os que o mictório ficava escondido atrás de um murinho”(Humberto 24 anos).

Na maioria dos banheiros as interações ocorrem principalmente nos mictórios e nos reservados, mas em alguns não existe um local pré-definido, ocorrendo em cantos escondidos com relação à porta, lugares mais escuros ou mesmo no meio do banheiro. Geralmente o jogo erótico começa nos mictórios e acaba se deslocando para o reservado, onde não se está aos olhos dos outros, diminuindo assim o risco do flagra. Ser flagrado por um segurança ou policial além de gerar constrangimento pode dar margem à extorsão de dinheiro por parte destes, humilhações ou até mesmo agressão. Em determinados locais essa preocupação em ser flagrado não se apresenta ou se dá de forma muito menor, já que os seguranças ou responsáveis pelo banheiro sabem o que acontece, permitindo que o sexo continue a ocorrer em troca de dinheiro ou muitas vezes pela participação no jogo.

“Quando o banheiro não é muito movimentado, pode rolar na parte dos mictórios, mas sempre com a sensação de que vai entrar um segurança ou alguém que não vai aprovar aquilo. Eu, como sou medroso, faço sempre no reservado. Mas tudo começa no mictório, onde eu mostro meu pau pro cara. Eu procuro ter o máximo de segurança, mas tem banheiros que isso é quase que uma instituição (a pegação) e aí rola no mictório mesmo, sem medo”(Maurício 28 anos).

“Tenho medo porque me disseram que geralmente quando pegam batem. Tenho mó medo por isso que nunca o cara chegou aos finalmente, só uma vez lá num banheiro da Central que é tranquilo, porque até o faxineiro faz”(Cristiano 18 anos).

“Tinha uma época que um segurança do C.A. [um shopping], era praticamente ponto turístico. Conversei com um cara num chat que me contou isso. De tanto os moleques irem lá e darem mole pra ele e ou chupar ele ou dar pra ele, aí ele já estava no esquema com outros e ficava tudo meio liberado”(Tony 28 anos).

“Fui flagrado na escada de emergência do B.P.S.[um shopping], o segurança exigiu 10 reais de mim e também do cara que estava comigo, depois guardou o dinheiro e disse que, por causa disso, a gente poderia fazer o que quisesse ali”(Humberto 24 anos).

Mesmo os banheiros sendo freqüentados por todo tipo de homens, determinados locais possuem um padrão de público mais facilmente identificável em sua maioria, como os banheiros dos shoppings que possuem uma concentração muito grande de jovens e os das rodoviárias com homens de nível social mais baixo e/ou mais velhos.

2.6 - A paquera e os códigos

Dentro dessa subcultura do desejo, existe uma série de códigos entre os praticantes, onde sinais mínimos serão estudados e valorizados para formar uma imagem das intenções e encantos do outro. O tipo de roupa, a postura, o modo de olhar, enfim uma série de fatores vão se interligar para auxiliar na identificação de homens que sentem desejos homoeróticos por outros homens. Para que haja um menor desperdício de tempo nessa identificação e um menor risco de falhas, desenvolveu-se uma série de códigos usados para se reconhecer quem busca esse tipo de interação dentro do banheiro. Terto Jr. (1989) fala do sistema de regras, com estratégias e rituais, que parece regular e possibilitar esse exercício coletivo de “acaso” no encontro de parceiros para uma relação sexual. Segundo ele “se está diante de uma sociabilidade também baseada em regras e códigos, que agregam os indivíduos em conjunto e territórios, onde o jogo de sedução e afetos, atração e repulsão, compõem o fenômeno de sociabilidade.” (Terto Jr., 1989, p.78). Ainda na visão de Terto Jr. (1989), esses encontros possuem regras e repertórios gestuais definidos, existindo certa repetição nos rituais. Abaixo seguem alguns exemplos de estratégias e rituais dos participantes extraídos de sites da Internet e corroborados pela fala dos entrevistados e pelas observações de campo:

- * Demorar muito no mictório;
- * Ficar olhando para os lados no mictório;
- * Demorar uma eternidade dentro do reservado (em alguns casos com a porta semi-aberta);

- * Ficar horas assuando o nariz ou limpando os óculos;
- * Demorar muito para lavar e enxugar as mãos, fazendo repetidamente;
- * Ficar se arrumando por horas diante do espelho;
- * Dentro do reservado, olhar se existe alguma sombra indicando movimento de masturbação no reservado ao lado, em caso positivo fazer o mesmo;
- * Dentro do reservado, colocar o pé próximo (ou um pouco dentro) do reservado ao lado por baixo da divisória.
- * Sair do reservado e ir ao mictório;

Segue abaixo o relato de alguns entrevistados sobre a identificação desses códigos:

“Tem vezes que você sente que pode rolar, mas o cara ta mais cagão que você, aí eu fico olhando direto, aí acaba que rola. Tem vezes que os caras já olham logo e já perguntam se podem chupar ou pegar, são sinais meio claros, o olhar no olho do outro já pegando no pau, ou demorar demais a sair do banheiro, ficar horas lavando as mãos; isso é de lei, o cara ta afim. Quando o cara lava demais a mão, e torna a lavar, e lava de novo, e checa os dentes, e ajeita o cabelo 1, 2, 3 vezes, é certo que ele ta querendo”(Tony 28 anos).

“Você nota que a pessoa faz tudo para não sair do banheiro, lava as mãos, passa água no rosto, seca as mãos, olha pelo espelho (quando há). Nunca li em lugar algum, mas são como regras. Você aprende participando”(Maurício 28 anos).

“Descobri um dia no próprio banheiro que isso acontecia [pegação], entrei num banheiro do M.C. [um terminal rodoviário] e saquei o clima. Havia mais gente ali com outras intenções, dava para notar pelo clima do lugar, pelos olhares. Alguns passavam a mão no corpo, no pau, etc”(Rubens 38 anos).

“No mictório você olha para o pau do outro e se o outro retribuir o olhar é porque vai rolar alguma coisa. Geralmente os homens ficam mexendo no pênis em ereção e mostram discretamente para quem está ao lado, indicando que ele está a fim de alguma coisa. Seria estranho alguém ficar 20 minutos urinando em frente ao mictório, então se tem um cara fazendo isso ele só pode estar lá procurando sexo. Essa coisa de lavar as mãos e enxugá-las várias vezes é para fazer hora dentro do banheiro. Você pode ficar horas lá, mas tem que fazer algumas coisas senão fica óbvio o que você está procurando lá. É um modo de disfarçar a caça”(Marcos 26 anos).

“Você entra no reservado e fica observando, ouvindo o barulho que outro está fazendo. Existem alguns sinais como colocar o pé embaixo da parede, olhar

por debaixo da parede é o mais comum. Se você se abaixa e olha e outro cara está sentado no vaso vestido é uma grande dica, ou ainda, se você olha por debaixo e o outro cara também é mais explícito que os dois estão procurando a mesma coisa”(Marcos 26 anos).

“É algo que funciona como um código natural para fazer com que o outro perceba que você está afim de sacanagem e sexo. Por exemplo, ficar olhando insistentemente para o pênis de algum cara, se ele estiver interessado ou gostar, com certeza o pau dele vai ficar duro. Ficar em pé no mictório fingindo mijar e não sair, e de vez em quando olhar para o pau do cara, ele acaba oferecendo para você segurar ou fazer um boquete”(Paulo 45 anos).

“No reservado, você pode olhar também pelas sombras no chão da cabine do lado, se o cara estiver se movimentando muito ele deve estar olhando por debaixo. Se ele quiser alguma coisa, vai fazer uma sombra de com se estivesse se masturbando e você responde do mesmo jeito”(Geraldo 22 anos).

Esses códigos são identificados pelos participantes através da troca de olhares, é a partir dela que ocorre a “paquera”, tão importante no meio homossexual. A não resposta a um olhar furtivo ou a um sorriso malicioso muitas vezes vai ser determinante para que não haja uma tentativa de aproximação. Perlongher (1987) discorre sobre a importância do olhar como forma de comunicação para expressar as intenções neste tipo de atividade onde a fala é posta em segundo plano. Os olhares recíprocos carregados de desejo constituem no primeiro sinal de comunicação, de reconhecimento do outro como parceiro em potencial.

“Haveria, então, na “paquera” homossexual, dois grandes blocos constitutivos. De um lado, um desejo sexual aberto, profuso, que remete à ordem do acaso. De outro lado esse desejo não é indiscriminado, mas agencia, para se consumir, um complexo sistema de cálculo dos valores que se atribuem aquele que é captado pelo olhar desejante, incluindo tanto expectativas sexuais quanto riscos de periculosidade”. (Perlongher, 1987, p.161).

O contato verbal muitas vezes não chega a ocorrer, não se mostra necessário, o importante é a conquista do máximo de prazer no mais curto espaço de tempo. De acordo com Costa (1992) nesses lugares domina o ideal da “mínima fala” e da inflação de gestos, sinais e atos, de maneira que seja indicado com precisão onde está o desejo. Em alguns casos a troca de palavras chega a romper com a fantasia atribuída ao momento, fazendo com que o contato sexual não seja realizado. Segundo Pollak (1985), o silêncio nesses locais de encontros anônimos acaba se tornando uma regra, já que existe uma busca pela

minimização dos investimentos, em contra partida de uma maximização dos níveis orgasmáticos.

Barthes (2003) discorre sobre o silêncio como tática mundana, recomendado para evitar as armadilhas da fala, sendo de suma importância para a arte de velar-se, ocultar-se. Seria ele o responsável pelo segredo, pela faculdade de dissimular quando necessário, de fingir quando não existe alternativa. Essa necessidade do silêncio se mostra relevante quando pensada a importância do anonimato para as relações impessoais, já que o silêncio está atrelado à obscuridade, ao oculto. Segundo a definição do dicionário de Ruth Rocha, anônimo seria aquele “sem nome, sem fala, oculto, desconhecido, obscuro” (Rocha, 2000, p.54).

A falta de palavras gerada pelo silêncio não significa entretanto que nada esteja sendo dito. A linguagem não verbal dos gestos e do olhar se encarrega de transmitir as mensagens necessárias e se fazer compreender. É o explícito dentro do implícito. Segundo Barthes (2003, p.54) “Nessa semiologia da moral mundana, o silêncio tem de fato uma substância faladeira ou falante: ele é sempre o implícito”.

Nos encontros em parques, saunas e banheiros, ou mesmo em outros locais onde a finalidade seja estritamente sexual, o anonimato passa a ser tão importante quanto o ato sexual, sendo proporcionado pela eliminação da fala.

“Você nota o que acontece pelo olhar, sempre. Já ouviu falar em gaydar? Não há palavras, é quase que como uma regra. Já houve pegações em que resolvi conversar com o cara, e aí não rolou. Acabou com a fantasia do desconhecido, do sexo pelo sexo, do pudor”(Maurício 28 anos).

“A coisa é sem falas, só com os olhos”(Rubens 38 anos).

“A verdade é que ninguém tem coragem de abordar outro homem sem saber se ele curte outros homens, então é preciso que fique claro que o outro vai ser receptivo às suas investidas. O gestual é muito importante, os olhares. O olhar é o modo como muitas pessoas se expressam silenciosamente”(Marcos 26 anos).

“O contato é só com o olhar, se topar saio pegando”(Gustavo 28 anos).

“Geralmente é só pelo olhar. O olhar acontece no mictório. É ver quando ta meio vazio para entrar na cabine, aí um entra faz algum sinal de piroca na boca e talz, e meio que chama o outro, aí quando der o outro vai. Comigo é assim”(Cristiano 18 anos).

“Não há nem contato verbal, a comunicação é via olhar. Se o cara retribuir o olhar, ficar olhando teu corpo, teu pau, ele te quer”(João 23 anos).

Esses códigos na maioria das vezes são aprendidos pela experiência *in lócus*, se aperfeiçoando ao longo do tempo. Tero Jr. (1989) fala sobre esse “aprendizado”, salientando o silêncio que envolve as relações entre a maioria dos indivíduos. Segundo ele “as regras seriam “aprendidas” sem uma intelectualização, num processo que passaria mais pelo reflexo corporal comandado, por reações de defesa, impulsos, mobilização dos sentidos, do que pela verbalização”. (Terto Jr., 1989, p.73). Essa aprendizagem seria resultante de um processo de “iniciação” por parte do participante no funcionamento do jogo. Pode-se notar claramente essa “falta de mestre” pelo discurso dos entrevistados:

“Aprendi com a experiência”(Humberto 24 anos).

“Notei com a experiência, é assim com todos. É meio atrapalhado no início, mas depois fica comum. Você se adapta ao meio, percebe o comportamento dos outros e acaba copiando”(Marcos 26 anos).

“Chega no banheiro quando ta no mictório o cara te olha. Nunca li nada sobre isso, apenas percebi indo. Indo lá eu percebo estes gestos, lavar a mão durante muito tempo, ficar no mictório muito tempo olhando para os lados”(Cristiano 18 anos).

De acordo com o relato de um dos entrevistados, envolvido nesses códigos existe ainda a questão dos papéis sexuais assumidos (ativo e passivo), onde geralmente os ativos são aqueles que exibem seus órgãos eretos manipulando-os e os passivos aqueles que ficam olhando. Quando interessados, os passivos se tocam enquanto olham fixamente para o membro do parceiro, encarando algumas vezes seus olhos e estabelecendo assim a comunicação, dando liberdade para a aproximação.

“O passivo geralmente é o que procura mais. O ativo exhibe mais. Quem fica secando a mão, lavando o rosto (geralmente é passivo). O ativo fica mais no mictório, simulando que está urinando”(Maurício 28 anos).

Essa idéia não parece estar em consenso com a de outros entrevistados, posto que a maioria deles acha essa divisão entre gestos de ativos e passivos infundada. Na opinião da

maioria esses códigos servem apenas como modo de identificação entre dois homens que buscam algum tipo de contato sexual no banheiro.

“Acho que o pegar o pau é só um código de que, vamos? Só isso”(Roberto 42 anos).

“Creio que os códigos sejam os mesmos. Acho essa questão de ativo e passivo uma bobagem”(João 23 anos).

Perlongher (1987), fala sobre uma “exibição masturbatória nos mictórios públicos”, salientando o fato de ser uma prática sexual fortemente “despersonalizada”, desenvolvida num rigoroso silêncio. Chama ainda, atenção para o fato de a abordagem não ser indiscriminada, exigindo um certo ritual de olhares e apalpações.

O contato no banheiro se dá logo ao entrar. Quando alguém interessado em sexo entra, ele logo olha em direção aos espelhos e aos mictórios, identificando quem se encontra lá e seu comportamento. Acontece um reconhecimento do local e das pessoas, sendo o olhar imprescindível. Sendo o mictório o local escolhido para ir, seja pela excitação que proporciona ou por alguém interessante que lá se encontra, então para-se ao lado da pessoa que gerou interesse e o olhar é direcionado, para ela ou seu órgão sexual. Se o olhar for correspondido, é um sinal de que aquele indivíduo pode estar interessado, se a partir disso o pênis dele começar a enrijecer (em alguns casos já está rijo) e é feito algum sinal do tipo balançar, apertar ou iniciar a masturbação, então o outro se mostrou interessado. O olhar se mantém o tempo inteiro como forma principal de comunicação e de apreensão dos códigos.

Muitas vezes ainda longe do mictório podem-se identificar códigos como, por exemplo, um apertar do pênis sobre a calça, um gesto malicioso com a língua, um movimento com as mãos simulando masturbação ou sexo oral, ou mesmo um chamado com a mão. Os códigos estão o tempo inteiro mediando a identificação e a aproximação entre os indivíduos. Depois da confirmação de ambas as intenções o contato segue dando margem às fantasias dos envolvidos dentro da possibilidade que o local proporciona.

Um fato curioso nesse sistema de códigos é o usado dentro do reservado, onde os pés ganham uma importância muito grande. No pequeno espaço entre a divisória dos mictórios

e o chão, o pé é usado como um instrumento de aproximação, algo que vai dizer que se está interessado. Se for notada uma demora pela pessoa dentro do reservado ao lado ou alguma sombra no chão que indique um movimento de masturbação, o pé é colocado muito próximo de invadir o espaço alheio, ficando parado ou sendo balançado. Isto serve como maneira de dizer que existe interesse. Pode-se também fazer algum movimento com o pé chamando a pessoa para fora do reservado, como, por exemplo, colocando o pé no espaço do outro reservado fazendo um movimento em semicírculo. Estando fora do reservado irão se somar um olhar ou um aperto no órgão genital para deixar clara a intenção.

O reservado possui um outro dado marcante, o fato de alguns homens usarem espelhos para conseguirem enxergar o que acontece no reservado ao lado. Espelhos pequenos, desses que as mulheres costumam carregar na bolsa, são colocados com a mão por baixo da divisão entre os reservados e o indivíduo vai mexendo o espelho até encontrar o ângulo que lhe proporcione a melhor visão, sem ser visto por aquele que se encontra no reservado “espionado”. Essa visão proporcionada pelo espelho pode servir como mero voyerismo ou certificar que o homem ao lado pode ser um alvo em potencial para “pegação”.

Com o passar do tempo a esses códigos vão sendo agregados uma infinidade de outros e alguns, pela difusão fora do meio, são obrigados a serem modificados para que somente aqueles que façam parte dessa subcultura homoerótica do sexo em banheiros públicos venham a reconhecê-los.

2.7 - O sexo

O sexo na maioria das vezes se dá de forma rápida e se restringe a masturbação ou sexo oral, mas em muitos casos acaba ocorrendo penetração. Por ser um ambiente público onde o risco do flagra é iminente, o fato de despir-se ou entregar-se mais inteiramente para o sexo anal acaba dando lugar a contatos sexuais como o masturbatório e o oral onde a recomposição é mais rápida caso se ouça a entrada de alguém que ofereça risco. O contato sexual geralmente tem início no mictório e daí se desloca para o reservado ou outros locais mais escuros ou isolados do banheiro.

A masturbação ocorre geralmente nos mictórios, podendo ser mútua ou cada um se masturbar enquanto olha o órgão sexual do parceiro. O contato pode ser apenas masturbatório, terminando ali após a ereção, ou dar lugar ao sexo oral e/ou anal.

“Na maioria das vezes rola chupação e punheta”(Rubens 38 anos).

“Pode rolar sexo com penetração anal se o banheiro for pouco freqüentado, mas na maior parte das vezes é masturbação mútua, um masturba o outro. O sexo oral também é comum, mas com uma freqüência bem menor. Todo mundo tem medo de ser flagrado por seguranças ou mesmo por outras pessoas que entrem no banheiro. O mictório é o lugar onde acontece o maior número de episódios”(Marcos 26 anos).

“Rola de tudo, masturbação, boquete, sexo anal”(Paulo 45 anos).

“Acontece todo tipo de sexo e em todas as partes, desde o mictório até o reservado”(Geraldo 22 anos).

A felação é feita geralmente sem preservativo, quanto ao esperma este pode ser engolido ou não, dependendo do fetiche do parceiro. Esse tipo de sexo não possui um lugar específico dentro do banheiro, ocorrendo tanto no mictório como no reservado, sendo que o mictório é o principal local.

“Das vezes em que rolou sexo com penetração comigo usei preservativo, mas confesso que no oral nunca usei mesmo quando sou o passivo da relação no sexo oral”(Marcos 26 anos).

“O sexo anal rola com camisinha, mas às vezes tem caras que não colocam a camisinha e quando vão gozar tiram o pau. O oral rola sem camisinha sempre”(Paulo 45 anos).

“Comigo das vezes que fiz oral no banheiro rolou com preservativo”(Cristiano 18 anos).

“Pô no mictório do N. A. [um shopping] tinha um cara e eu aí fiquei olhando ele e ele a mim, depois fui para dentro do reservado e fiz o sinal da piroca na boca e ele fez com a cabeça que sim, esperou esvaziar aquela área do banheiro e entrou no reservado e mamei ele bem gostoso”(Cristiano 18 anos).

O sexo anal mesmo ocorrendo sem proteção nesses locais possui um grande número de praticantes que fazem uso contínuo do preservativo. O local onde esse tipo de sexo ocorre vai variar dependendo do tamanho do banheiro, movimentação e tipo de público, mas na maior parte das vezes ocorre dentro do reservado. Por ser uma forma de sexo que não é tão rápida de ser interrompida sem se deixar ser percebida, como a felação, ela é mais comum de ser feita no reservado já que este reduz o risco do flagra.

“Cara, vou te dizer que pode ocorrer todo tipo de sexo. Já ocorreu de tudo comigo, menos eu ser passivo, pois não curto, em geral, rola uma punheta um com a mão no pau do outro, ou uma mamada. Nas vezes que penetrei foi com proteção, não abro mão disso, mas já vi sem proteção”(Tony 28 anos).

“Geralmente rola masturbação mútua e sexo oral. Eu já comi alguns caras, mas geralmente em banheiros de cinemas pornôs. Sempre uso camisinha”(Maurício 28 anos).

“Eu fui ao banheiro do shopping, quando fui fechar a porta do reservado o cara da frente estava mijando de porta aberta e mostrando o pau. Ele fez alguns sinais sugerindo que fossemos para o último reservado quando o pessoal fosse embora do banheiro. Fomos para lá e nos beijamos, nos tocamos Fizemos sexo ali mesmo, oral e anal”(Geraldo 22 anos)

Em alguns banheiros ocorre até mesmo sexo grupal, transformando o banheiro numa grande orgia, sendo muito comuns em banheiros de cinemas pornôs. Mas dentro desse jogo erótico, existem também outras formas de excitação como os voyers que se excitam apenas assistindo ao que acontece enquanto se masturbam e os exibicionistas, cujo prazer está em se exhibir, mas sem participar.

José Luís de Toledo (in Perlongher 1987, p.170) fala sobre as possibilidades eróticas dos mictórios:

“Um espetáculo indescritível, só vendo mesmo. Os prazeres nesses lugares podem ser vários, comprometedores ou não. Podemos adotar, conforme o astral, só a via voyeurística. Também podemos assistir, tocar, ser tocados,

chupados, chupar, gozar, ser esportados; ou lançar e içar alguém para paragens mais tranquilas”.

A grande maioria dos entrevistados afirmou que o contato termina no próprio banheiro após a ejaculação, não havendo assim continuidade fora do banheiro. A relação se restringe ao prazer rápido e impessoal:

“Comigo sempre começa e termina ali mesmo. Sexo casual. Acredito que com a grande maioria a coisa não passa disso, a maioria dos homens querem só extravasar a tensão sexual”(Marcos 26 anos).

“Comigo a coisa nunca avançou dali, sempre terminou ali”(Cristiano 18 anos).

“A esmagadora maioria termina ali, mesmo porque muitos têm compromissos fora dos banheiros da vida”(João 23 anos).

Cápítulo III

Sexo, Homoerotismo masculino, Homoerotismo feminino, Impessoalidade e Promiscuidade

Vivemos numa sociedade machista, ainda impregnada por um passado patriarcal, onde o homem é criado para ter uma maior liberdade sexual e um número grande de parceiras, isso sendo compreendido como um exercício de masculinidade. A mulher ao contrário, é criada com um ideal de virgindade associado à pureza, tendo que reprimir seus desejos sexuais. Os homens que possuem uma vida sexual ativa e um número grande de parceiras são denominados “garanhões”, um símbolo de virilidade, masculinidade e força. Já as mulheres recebem o título de “vagabundas”, ligado à impureza, caso se comportem fora dos padrões sexuais. Segundo Giddens (1992), não há um equivalente masculino para a mulher dita “perdida”. O homem de múltiplas atividades sexuais é com frequência admirado, particularmente em meio a outros homens, demonstrando assim o valor “positivo” de um comportamento dependendo do sexo que o pratica.

Independente das repressões à liberdade sexual impostas de maneira diferenciada aos dois sexos, criou-se ao longo dos séculos maneiras de sentir distintas para ambos. Conforme Alberoni (1986) as diferenças entre o erotismo masculino e o feminino são sedimentos construídos ao longo de milênios de história e opressão. Segundo ele criou-se “o erotismo masculino muito mais visual, mais genital. O feminino, mais tátil, muscular, auditivo, mais ligado aos odores, à pele, ao contato”(Alberoni, 1986, p.10). Hoje, essas diferenças vêm sendo minimizadas, mas nunca desaparecerão, já que homens e mulheres “possuem sensibilidades, desejos e fantasias diferentes”(Alberoni, 1986, p.11). Essa diferenciação independendo da orientação sexual do indivíduo, sendo a mesma para homens e mulheres com desejos hetero ou homoeróticos.

O sexo para as mulheres é frequentemente associado ao amor, enquanto que para os homens possui uma conotação associada ao prazer, onde se pode racionalizar a divisão entre sexo por amor e sexo por prazer de maneira muito clara. Na visão de Guimarães (1984) essa divisão de sexo com amor e sem amor é própria do código masculino em geral,

em contraste com a prática feminina “normal”, onde ele é impensável sem o amor. A partir disso é importante salientar que esse homem criado para ser o “garanhão” é tanto o homem heterossexual quanto o homossexual, onde a racionalização da sexualidade parece diferenciar de forma clara o tipo de sexo.

Fry & MacRae (1983) argumentam que a educação diferenciada a que são submetidas às crianças dos dois sexos tende a desenfaturar a sexualidade para as meninas, enquanto esta é apresentada aos meninos como uma importante forma de auto-afirmação. Segue abaixo um trecho de seu livro *O que é homossexualidade*, que fala um pouco sobre essa diferença:

“Recentemente tem até sido defendida a posição de que as sexualidades masculina e feminina seriam intrinsecamente diferentes, tanto as mulheres heterossexuais quanto as homossexuais dariam muito menos ênfase a genitalidade que os homens, sendo mais adequado considerar a sua sexualidade como difusa em seu corpo inteiro e muito menos centrada na experiência de um clímax cujo modelo geralmente é a ejaculação masculina. Isto serviria para explicar as grandes diferenças geralmente encontráveis no comportamento sexual de homossexuais de ambos os sexos”(Fry & MacRae, 1983, p.106-107).

Segundo MacRae (1986) existe uma tendência entre os homossexuais masculinos a compartimentalizar as emoções, separando a atitude sexual do mundo afetivo. A proliferação de relações sexuais impessoais e o aumento de estabelecimentos como saunas gays, onde palavras muitas das vezes não são ditas, exemplificam bem isso. A promiscuidade na sua concepção não pode ser generalizada a todos os homossexuais masculinos, sendo assim amplamente constatada somente entre aqueles que possuem uma recusa em manter um compromisso estável, temendo assim que sua liberdade seja tolhida. MacRae propõe um questionamento às normas sexuais tradicionais do casamento heterossexual que são importadas para as relações homossexuais, como a fidelidade, por exemplo, que seria uma necessidade de transmissão da propriedade e de criação dos filhos.

Suplicy (1986) faz o seguinte comentário sobre as relações homossexuais masculinas em seu livro “*Conversando sobre sexo*”:

“As relações homossexuais podem ser longas ou breves, felizes ou infelizes como todas as relações entre duas pessoas. Entretanto, costumam ser mais breves e fugazes do que as heterossexuais. Poderíamos especular que esta

promiscuidade em parte possa ser devida à aprendizagem social masculina, que desvincula o amor do sexo. Assim como existem homens que transam mulheres por uma noite, existem homens que transam homens por uma noite. Esta explicação teria respaldo no comportamento sexual-afetivo das lésbicas, muito mais consistente, e condizente com sua educação como mulheres, que aprendem, ainda cedo, a ligação do afeto com o sexo. Outra hipótese para a brevidade nas relações sexuais-afetivas dos homens seria o fator, já descrito, de pressão social. O indivíduo tem medo de assumir a sua condição de homossexual, passar a coabitar com alguém, e sofrer as conseqüências. Daí a manutenção de uma série de ligações passageiras”(Suplicy, 1986, p. 271-272).

Segundo Guimarães (1984), a promiscuidade característica da “pegação” não é uma condição imposta pela vida homossexual, mas sim uma opção de vida baseada na liberdade e autonomia, que alguns indivíduos sentem suprimidas dentro de um relacionamento sexual-amoroso fechado.

Shere Hite (1982) revela que muitos gays expressaram seu desejo de ter relacionamentos mais duradouros baseados em muita sinceridade e muito afeto quando perguntados sobre “qual é seu maior desejo num relacionamento com outra pessoa”. Abordando a questão da promiscuidade, muitos homens falam do quanto inapropriado é unir o termo “gay” ao termo “promíscuo”, já que não se pode falar de promiscuidade gay mais do que de promiscuidade heterossexual. Sendo a promiscuidade mais uma opção independente da orientação sexual, do que algo característico do universo homossexual.

Mott (2003) discorre do quanto os termos “promíscuo” e “promiscuidade” são subjetivos e carregados de uma carga moralista pesada. Na sua visão seria muito difícil definir promiscuidade, já que ao tentar defini-la logo nos defrontamos com uma grave dificuldade: até onde uma relação sexual pode ser considerada “virtuosa” ou “normal”?

“Faço de novo a mesma pergunta: promiscuidade, que bicho é esse? A resposta continua sendo esta: promiscuidade não tem nem pode ter definição matemática, pois é um conceito moral, ou moralista, para ser mais preciso – e cada cabeça, cada seita e grupo social definirá a sua moda o que considera promiscuidade. Conceito que não tem nenhum interesse ou valor, numa sociedade e numa época em que o respeito à individualidade é um valor básico – e na medida em que cada vez é menos possível separar o certo do errado, e que nenhum código moral pode se arvorar ser o “natural” ou o “melhor”(Mott, 2003, p.315-316).

Mostra-se difícil definir o universo homoerótico como sendo promíscuo, já que a definição de promiscuidade é vaga. Além disso, a literatura demonstra que homens possuem maior racionalização do sexo quando comparados às mulheres, independente da sua orientação sexual. Entretanto, a repressão sexual do comportamento homoerótico masculino ao longo dos séculos criou uma cultura da clandestinidade, onde relações breves e clandestinas deram lugar a namoros de portão, subentendendo-se assim uma base promíscua homoerótica. Segundo Foucault (in Alberoni, 1986, p.97):

“A promiscuidade no homossexualismo masculino é o resultado da repressão do homossexualismo e, em particular, do namoro. Não foi possível desenvolver uma cultura do namoro porque havia a necessidade de esconder e a urgência de concluir”.

Cápítulo IV

Metodologia

4.1 - Fundamentos teóricos e metodológicos

As pesquisas sobre a questão do sexo impessoal entre homens, não existem até o momento em número relevante no Brasil. Os Estados Unidos possuem um número muito maior de estudos direcionados a essa questão, contando até mesmo com pesquisas referente a algo tão específico como o sexo entre homens em banheiros públicos. Esta situação fez com que se optasse por elaborar uma pesquisa qualitativa, fenomenológica e de caráter descritivo para melhor se compreender de que forma se dão as interações homoeróticas em banheiros públicos do Rio de Janeiro. Com o referido propósito foram realizadas entrevistas com 23 homens que fazem sexo com homens em banheiros públicos do Rio de Janeiro e os dados levantados foram cuidadosamente analisados *a posteriori*. Foi realizado também um extenso estudo bibliográfico e observações de campo em locais citados pelos entrevistados como banheiros de “pegação”.

O estudo bibliográfico de autores como Carmen Dora Guimarães (1984;2004), Nestor Perlongher (1987), Veriano Terto Jr. (1989), Richard Parker (1991;2002) e James Green (2000) foram fundamentais na contextualização de determinadas questões como subcultura gay no Rio de Janeiro, comportamento (homo)sexual masculino, identidade gay, identidade de gênero, papéis sexuais assumidos, entre outras. Veriano Terto Jr. tem destaque especial devido a sua tese de mestrado ter uma ligação muito forte com este trabalho, posto que aborda questões tão relevantes para este estudo como: público x privado, impessoalidade, anonimato, jogo erótico, rituais, paquera homoerótica entre outras. Sua tese, “No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas”, foi de fundamental importância como referencial teórico para este estudo.

Dentre os autores americanos, dois foram importantes para este estudo, Laud Humphreys e W. Leap, por abordarem a questão do sexo entre homens em lugares públicos, Humphreys se dedicando aos banheiros públicos. W. Leap organizou a coleção

Public sex, gay space, com treze textos de antropologia, estudos literários, arquitetura, história, sociologia, criminologia e política discutindo a produção de espaços sociais investidos de significado erótico por homens que fazem sexo com outros homens, lançada em 1999. O sociólogo americano Laud Humphreys, em seu livro *Tearoom trade: impersonal sex in public places*, estudou a questão do sexo impessoal entre homens em banheiros públicos, denominados *tearooms* pelos mesmos, no final da década de 60.

4.2 - Amostra

A amostra foi composta por vinte e três homens, todos freqüentadores de “pegação” em banheiros públicos, adultos, com idades variando entre 18 e 45 anos, oriundos de diferentes bairros do Rio de Janeiro. Além da idade dos sujeitos entrevistados, foram obtidos dados sobre seu grau de escolaridade, profissão, estado civil e bairro de residência. Para evitar qualquer constrangimento aos entrevistados foram omitidos seus nomes e substituídos por outros fictícios, preservando-se assim a identidade dos mesmos.

Com relação ao tipo de amostra escolhida, friza-se que é uma amostra não probabilística de conveniência, o que faz com que os dados colhidos não possam ser generalizados para a totalidade da população que se envolve em relações homoeróticas. Da mesma maneira, levando-se em conta o tamanho da amostra, ressalta-se que esta é uma pesquisa exploratória, e seus dados fazem apenas um recorte da população de homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro. Segundo Brehm & Kassin (in Nunan 2003, p.203-204), “amostras de conveniência são freqüentemente utilizadas em psicologia social, porque se acredita que determinados processos psicológicos são, em muitos aspectos, universais e uniformes, o que faz com que o tipo de amostra escolhida não influa negativamente nos resultados da pesquisa”.

A amostra foi coletada em sua maioria em um site de relacionamentos atualmente em voga no Brasil chamada Orkut. Este site foi criado nos Estados Unidos em fevereiro de 2004 pelo Google e possui curiosamente um total de mais de 90% de brasileiros

cadastrados. Ele possuía no início deste ano mais de 6 milhões de participantes e mais de 2 milhões e 300 mil comunidades sobre os mais variados assuntos, as quais promovem fóruns de discussão relativos ao seu tema central. Muitas dessas comunidades possuem como assunto central o sexo entre homens e várias delas têm como tema o sexo entre homens em banheiros públicos. A partir disso foram deixados convites nesses fóruns de discussão específicos, a todos aqueles que tivessem interesse em dar uma entrevista sobre a prática do sexo em banheiros públicos, suas experiências nestes locais, etc. No convite constavam dados como: assunto da pesquisa, instituição para qual estava sendo realizada, propósito da mesma, garantia do anonimato dos entrevistados, tipo de entrevista, o caráter não preconceituoso ou moralista da pesquisa e os dados e contatos do entrevistador. Algumas comunidades onde este convite foi deixado foram: “Pegação em banheiros públicos” (2443 membros), “Eu adoro e faço Banheirão” (56 membros), “Banheirão gay do Rio” (585 membros), “Chuveirão dos caminhoneiros” (1025 membros), “Pegação em WC-SSA (328 membros), “Pegação em Banheiro Público” (105 membros), “Pegação em Banheiros Públicos” (374 membros), “Banheiro dos Machos” (551 membros), “Banheirão Estácio HxH – Rj” (199 membros), “Banheiros de estádios” (464 membros), “Banheiro universitário” (426 membros), “Pegação na UERJ – banheiros (123 membros), entre outras. Essas são apenas algumas das várias comunidades existentes no Orkut cujo tema central de discussão são as relações homoeróticas em banheiro público e seu número de membros é relativo ao mês de outubro de 2005.

4.3 - Observação de campo

A opção pela observação de campo nesta pesquisa foi feita com vários intuitos, como: o enriquecimento do trabalho por detalhes apenas observados em lócus; uma forma de corroborar tanto a fala dos entrevistados como as citações em Internet, jornais e livros sobre o assunto; uma maneira de analisar o processo completo, desde o olhar no mictório até o contato físico; a possibilidade de uma visão do espaço físico dos principais banheiros citados pelos entrevistados e pela Internet; etc.

A observação do espaço físico dos banheiros foi feita em variados locais da cidade citados em sites da Internet ou pelos entrevistados, tendo sido visitados banheiros principalmente nas zonas sul, norte e central da cidade do Rio de Janeiro. Um dos banheiros escolhido em especial para a observação de campo, foi o banheiro de um shopping da zona sul carioca. Esse banheiro foi escolhido por algumas razões em especial:

* Este banheiro fica no shopping mais citado, tanto pelos entrevistados como pelos sites da Internet, como um dos locais que possui o maior número de banheiros onde acontece “pegação” entre homens.

* É um dos mais movimentados com relação a esta prática.

* Não possui faxineiro o tempo todo, este só entra esporadicamente para uma rápida limpeza e logo se retira.

* Possui o reservado de deficientes próximo ao mictório, possibilitando que a porta deste encubra o que acontece na sua proximidade para alguém que entre no banheiro, possibilitando recomposição e deslocamento rápidos para os praticantes que estão no meio da “pegação”.

* A porta range quando abre, possibilitando que se saiba quando entra ou sai alguém.

* Fica num canto um pouco escondido de um andar pouco movimentado do shopping.

* Possui uma porta para o estacionamento, quase ao lado da sua, o que possibilita que depois de algum contato feito no banheiro alguns homens possam se deslocar para fazer sexo nas escadas de incêndio do prédio ou dentro do carro, sem ter que passar por algum corredor principal do shopping.

* Dos seus 3 reservados, dois possuem pequenos buracos na parede. Dois destes buracos comunicam dois dos reservados entre si, possibilitando que seus integrantes (querendo) possam ver quem está no reservado ao lado e o que está fazendo. Outro destes pequenos buracos fica na parede do último reservado da esquerda, que está ao lado dos mictórios, o que possibilita para quem está no seu interior a visão de toda a área dos mictórios, a área do reservado de deficientes e mais um pedaço do banheiro.

Um ponto crucial para escolha deste banheiro como o principal local de observação, foi a existência deste pequeno buraco possibilitando, para quem está no interior do reservado, a visão de toda a principal área de “pegação”. Isto permitiu a observação sem a necessidade de intervenção, possibilitando que o pesquisador não precisasse participar da “pegação”. Os participantes agiam naturalmente em seus rituais sem saber que estavam sendo observados. Saliencia-se aqui a não-escolha da observação participante, mesmo sabendo o quanto favorece a compreensão daquele coletivo de indivíduos em exercício, pelo fato do pesquisador deste estudo não se identificar com este tipo de prática, o que não significa que possua qualquer olhar preconceituoso com relação a ela, apenas não sentindo excitação pela mesma.

Com relação ao reservado, quando dentro do mesmo, o pesquisador preferiu utilizar-se de determinados códigos citados pelos entrevistados ou em sites da internet para saber qual seria a resposta da pessoa ao lado. Nesta “observação participante” pode-se notar a veracidade desses códigos de acordo com as respostas geradas nos indivíduos do reservado ao lado e conseqüentemente fora dele em alguns casos.

A observação de campo não se limitou a uma mesma faixa de horário ou dia na semana, preferiu-se estar sempre variando os dias e os períodos (manhã, tarde e noite), para se ter uma compreensão mais ampla dos acontecimentos e do público em diversas faixas de horário, não esquecendo que os shoppings funcionam de segunda a sábado das 10hs às 22hs e domingos e feriados das 15hs às 21hs.

Alguns dados interessantes, além dos já citados ao longo deste estudo, foram encontrados na observação de campo. Um deles foi o fato de alguns homens ficarem migrando de banheiro em banheiro ao longo do shopping em busca de “pegação”. Pode-se notar os mesmos homens saindo de um banheiro e indo rumo a outro, migrando pelos banheiros até encontrar alguém que corresponda as expectativas de “pegação”. Outro dado interessante foi a existência de determinados homens que podiam ser vistos com grande freqüência, em dias e horários diferentes, fazendo “banheirão”.

Como dado relevante observou-se ainda a questão das escadas de incêndio sendo utilizadas como local para o sexo, talvez por permitir maior privacidade e menos perigo,

mesmo este ainda sendo de alto grau. Descendo-se os oito andares do shopping pelas escadas de incêndio sempre se pode encontrar sinais de esperma ainda recente no chão de pelo menos um dos andares, principalmente entre o sétimo e o terceiro pisos. Os banheiros do quinto e sétimo pisos possuem suas portas próximas à garagem, o que permite uma saída rápida do banheiro para as escadas, sem a necessidade de passar pelo corredor principal do andar e com maior discrição quanto à segurança.

Outro ponto a se destacar foi o fato de alguns homens não se exibirem exclusivamente no mictório, mas ficarem andando pelo banheiro ou parados na porta do reservado de deficientes, alisando e exibindo seus pênis eretos fora da calça ou bermuda para algum(s) interessado(s) em potencial na pia ou do outro lado do banheiro.

Ao longo deste estudo pareceu ter aumentado o conhecimento do “banheirão” por parte dos seguranças deste shopping. O aumento da frequência com que estes entram no banheiro foi aumentando ao longo dos meses e escutavam-se reclamações de seguranças, dentro do banheiro com outros seguranças, sobre o fato de serem obrigado a vigiar e entrar de maneira constante nos banheiros para evitar essa prática. Além disso, em um dia de observação, houve o caso de um rapaz que saiu com outro do banheiro, provavelmente indo em direção à escada de incêndio, e pouco depois dois seguranças entraram no banheiro conversando e se comunicando pelo rádio onde o assunto eram dois rapazes que estavam naquele mesmo banheiro, foram vistos indo em direção à escada de incêndio e pegos com as calças arriadas fazendo sexo poucos minutos antes. Na conversa confirmavam que um daqueles rapazes já havia sido filmado uma outra vez pela câmera de segurança do shopping na mesma situação, o que mostra que provavelmente já estavam prestando atenção no rapaz naquele dia apenas esperando que repetisse a façanha. Notou-se ao longo dos meses o olhar desconfiado de alguns seguranças sobre o pesquisador, talvez pelo fato do grande número de visitas àquele local e do tempo relativamente grande de permanência dentro do banheiro.

4.4 - Entrevistas

As entrevistas foram feitas em sua maioria pela internet através de um programa de mensagens instantâneas chamado MSN Messenger. Esta forma de entrevista foi escolhida devido ao fato da maioria dos indivíduos que entrou em contato com o entrevistador alegar se sentir inibida para conversar sobre o tema pessoalmente. Os entrevistados argumentaram que pela Internet se sentiriam mais à vontade para responder as perguntas e falar sobre o tema abertamente, contando suas experiências íntimas nestes locais sem a necessidade de omitir passagens por vergonha ou timidez. A partir deste argumento foi preferida esta forma de entrevista, já que respeitava a vontade dos sujeitos e gerava dados mais completos para a pesquisa. Foram realizadas entrevistas entre os meses de janeiro de 2004 e julho de 2005, individuais e semi-estruturadas, tendo a duração média de 60 minutos. O roteiro semi-estruturado de entrevistas encontra-se em anexo, ao final deste estudo. A escolha por este tipo de entrevista se deu pelo fato de entrevistas semi-estruturadas permitirem um aprofundamento maior do tema investigado, se encaixando no objetivo deste estudo que é o de descrever e compreender o fenômeno, assim como os aspectos ligados a ele.

Foram abordados na entrevista alguns pontos principais para a constituição de uma idéia geral da interação sexual entre homens nos banheiros públicos, como: Idade, grau de escolaridade, estado civil e bairro de residência dos entrevistados; orientação sexual; o que entendem por “pegação”; se possuem namorado/a atualmente e se fazem “pegação” mesmo namorando; quantos anos tinham quando aconteceu a primeira vez num banheiro público e como foi que aconteceu; como costuma se dar à abordagem; se já sabiam que acontecia “pegação” em banheiros públicos antes da primeira vez; que tipo de contato sexual costuma ocorrer e em que parte do banheiro ele costuma acontecer; se se usa preservativo; se o contato termina ali mesmo após o orgasmo ou tem continuidade fora do banheiro; se o banheiro é tido como um lugar que excita; em que tipo de banheiros costuma ocorrer “pegação”; se o perigo é excitante; se já fizeram em outros lugares públicos; como se sentem após a pegação; etc.

Friza-se que antes de iniciar a coleta de dados propriamente dita, foram feitas duas entrevistas-piloto com o intuito de avaliar o instrumento de pesquisa. A partir disso testou-se o roteiro de entrevista, verificando-se assim se as perguntas estavam bem formuladas, se existia ambigüidade, se existiam questões supérfluas, se a ordem das perguntas era

adequada, se o número era muito extenso ou pequeno, etc. Após correção dos problemas a entrevista foi alterada e utilizada. As entrevistas foram guardadas na íntegra, posteriormente analisadas uma a uma e comparadas entre si, com a bibliografia e com a observação de campo. A análise de conteúdo decompôs as entrevistas em 18 categorias que foram examinadas individualmente, para um estudo mais detalhado, que gerou um gráfico posteriormente para melhor visualização do resultado. As 18 categorias foram: idade, grau de escolaridade, orientação sexual, estado civil, ocupação, relacionamento, bairro de residência, “pegação” em outros lugares públicos, há quanto tempo faz “pegação” em banheiros públicos, saber da existência de contatos sexuais entre homens em banheiros públicos, atos sexuais praticados ou sofridos nos banheiros públicos, uso de preservativo nos atos sexuais no banheiro público, existência de sexo anal acontecendo sem preservativo no banheiro público, continuidade ou não dos atos sexuais com o(s) parceiro(s) fora do banheiro após o orgasmo, locais do banheiro onde os entrevistados costumam fazer sexo (oral ou anal) ou masturbação (a si ou ao outro), o banheiro como lugar que proporciona excitação, o perigo como aspecto de excitação e o sentimento depois da “pegação”.

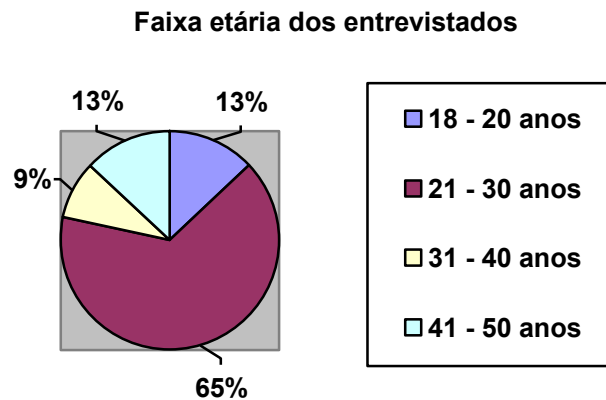
Cápítulo V

Análise de Conteúdo das Entrevistas

5.1 - Idade

Foram entrevistados homens com idades variando entre 18 e 45 anos, sendo maior o número de entrevistados que se encontravam na faixa entre 18 e 28 anos. Levando-se em conta que as entrevistas foram feitas a partir de convites colocados em comunidades que tratavam do assunto “pegação em banheiros públicos”, na rede de relacionamentos Orkut, isso talvez possa ser explicado pelo grande número de integrantes desta rede de relacionamentos encontrar-se nesta faixa etária. Segundo informações do próprio Orkut mais de 60% dos participantes se encontram na faixa etária de 18 a 25 anos.

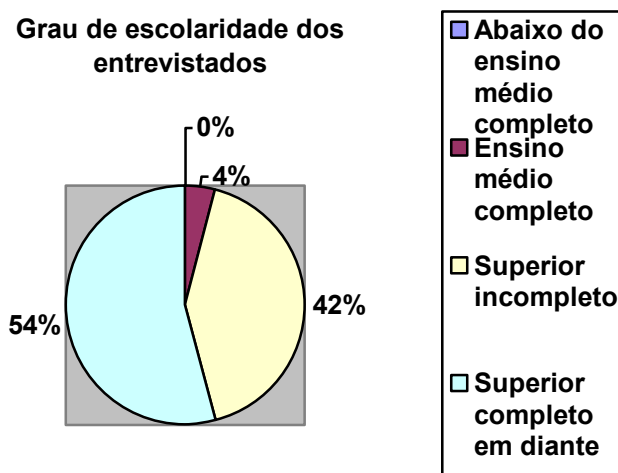
Do total de 23 homens entrevistados, 3 se encontravam na faixa dos 18 aos 20 anos, 15 na faixa de 21 aos 30 anos, 2 na faixa de 31 aos 40 anos e 3 na faixa de 41 aos 50 anos.



5.2 - Grau de escolaridade

Quando perguntados sobre seu grau de escolaridade, a grande maioria dos entrevistados respondeu ter grau superior completo ou incompleto, não havendo casos abaixo do segundo grau completo. Este número pode ser entendido ao se pensar que as entrevistas foram conseguidas através de uma comunidade na Internet, o que pré-determina um conhecimento básico sobre informática e Internet, além da disponibilidade de acesso a um computador. Até meados de 2005 o Orkut ainda se mantinha em inglês (língua em que foi criado), o que requereria um conhecimento, mesmo que básico, de inglês dos seus integrantes.

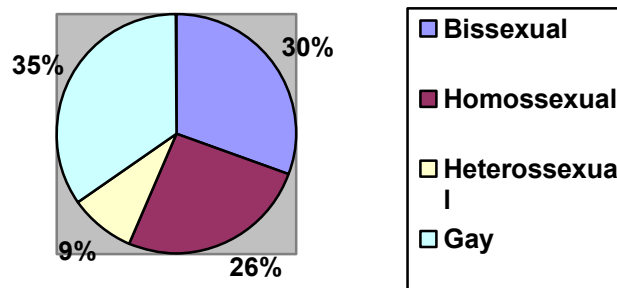
Dos 23 homens entrevistados, 1 afirmou ter apenas o ensino médio completo, 10 afirmaram ter o ensino superior incompleto e 13 afirmaram possuir o ensino superior completo, alguns possuindo também mestrado, NBA, etc.



5.3 - Orientação sexual

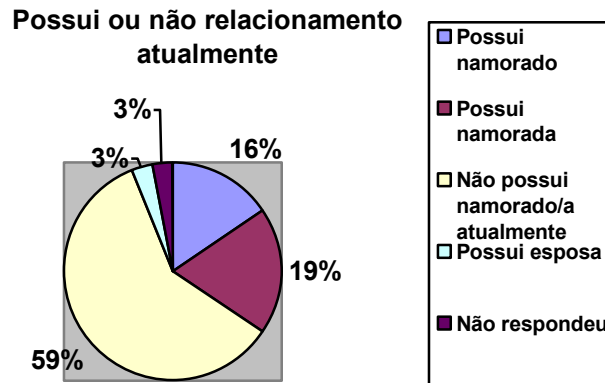
Ao serem questionados quanto a sua orientação sexual, os entrevistados ficaram livres para dizerem o termo que achassem mais adequado de acordo com a sua subjetividade. Dentre os 23 homens entrevistados, 7 se definiram como bissexuais, 6 como homossexuais, 8 como gays e 2 como heterossexuais.

Orientação sexual dos entrevistados



5.4 - Estado civil

Praticamente todos os homens entrevistados se declararam solteiros, com a exceção de um deles que afirmou ser casado (com uma mulher). Logo após foi perguntado a estes homens se atualmente possuíam namorado(a). Os dois homens que se autodefiniram como heterossexuais afirmaram ter namoradas e salientaram nunca terem namorado um homem. Dos sete bissexuais, 3 possuíam namorada, 1 possuía esposa e 1 possuía namorado. Dentre os que se declararam homossexuais 1 afirmou ter namorado atualmente e 1 disse estar “noivo” e de “casamento” marcado com seu companheiro. Entre os gays, 3 afirmaram possuir namorado. Dos 23 homens, 10 afirmaram não possuir namorado(a) e 1 não respondeu.

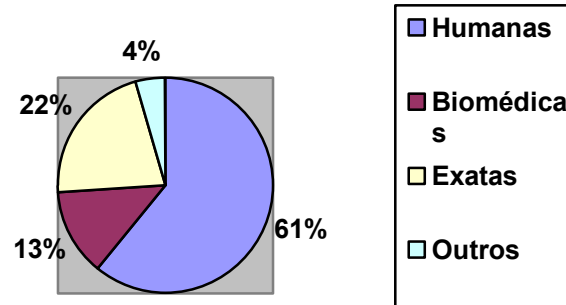


5.5 – Ocupação

No que se refere à ocupação, procurou-se saber do entrevistado se este trabalhava ou não no momento e qual sua área de atuação. No caso de estudantes do ensino superior levou-se em conta o curso estudado pelos mesmos.

Dos 23 entrevistados, 16 afirmaram estar trabalhando e 7 afirmaram não trabalhar. As áreas de atuação foram bastante variadas, tendo integrantes das áreas de humanas, biomédicas e exatas. As profissões citadas foram: direito, medicina, contabilidade, administração, psicologia, letras, publicidade, química, filosofia, desenho industrial, história, economia, jornalismo e biologia. Um dos entrevistados (superior completo) não quis dizer qual sua profissão e outro (superior incompleto) não quis dizer o que cursava, os dois se limitaram apenas a dizer que estariam enquadrados na área de humanas. Um dos entrevistados não trabalhava e acabara de completar o segundo grau.

Área profissional dos entrevistados

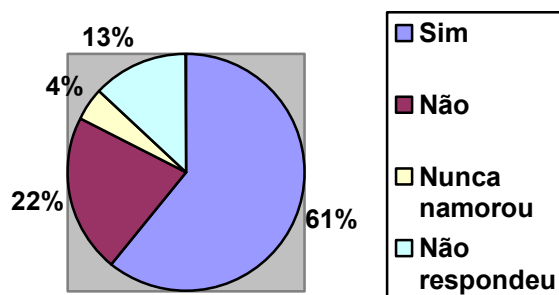


5.6 – Relacionamento

Como descrito já acima, quase metade dos homens entrevistados possuía relacionamento, seja tendo namorados ou namoradas. Quando perguntados se faziam (ou já fizeram) “pegação” mesmo quando estavam namorando, dos 23 homens, 14 responderam que sim, 5 responderam que não, 1 respondeu que nunca namorou e 3 não responderam. Dos homens que responderam que não fazem, 2 alegaram “não sentir vontade” de fazê-la quando estão dentro de um relacionamento, 1 alegou “gostar de pertencer a alguém” e 1 disse “ser fiel” e “não sentir necessidade de ficar com outras pessoas tendo uma que possa lhe oferecer tudo o que precisa sexualmente”.

O entrevistado casado fez questão de salientar que possuía uma amante, além dos rapazes que saíam com ele sempre. Um dos entrevistados autodefinidos como heterossexuais fez, da mesma maneira, questão de dizer que possuía uma amante e que traía tanto a namorada, como a amante com outras mulheres.

"Pegação" mesmo namorando

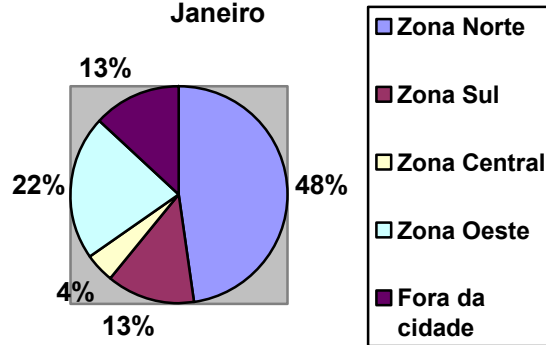


5.7 - Bairro de residência

Os bairros de residência citados pelos entrevistados foram bastante variados, se distribuindo por todas as zonas da cidade do Rio de Janeiro. Alguns entrevistados afirmaram morar fora da cidade, mas ainda dentro do Estado do Rio de Janeiro. Aqueles que moravam fora da cidade afirmaram manter contato diário com a mesma, seja pelo trabalho ou instituição de ensino, o que os faz presentes no cotidiano da cidade, exercendo assim a “pegação” nos banheiros da mesma.

Dos 23 entrevistados, 20 moravam na cidade do Rio de Janeiro e 3 fora dela. Os bairros da cidade citados foram: Tijuca, Vila Isabel, Del Castilho, Grajaú, Andaraí, Vila da Penha, Ilha do Governador, Copacabana, Humaitá, Laranjeiras, Santa Tereza, Jacarepaguá e Campo Grande.

Zonas de residência dos entrevistados - Cidade do Rio de Janeiro

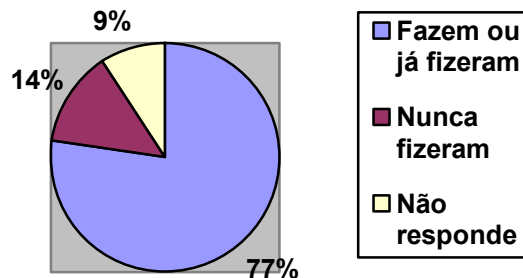


5.8 – “Pegação” em outros lugares públicos

A grande maioria dos entrevistados afirmou fazer ou já ter feito “pegação” em outros lugares públicos não sendo banheiros. Dos 23 entrevistados, 17 afirmaram fazer ou já ter feito “pegação” em outros lugares públicos, 3 afirmaram nunca ter feito “pegação” em outros lugares públicos e 2 não responderam a pergunta.

Os lugares citados como já tendo sido palco de “pegação” para os entrevistados foram: praça, ônibus, parque, sauna, cinema, escada, trem, avião, cabine de sex shop, metrô, teatro, rua, carro, praia e sala de aula vazia.

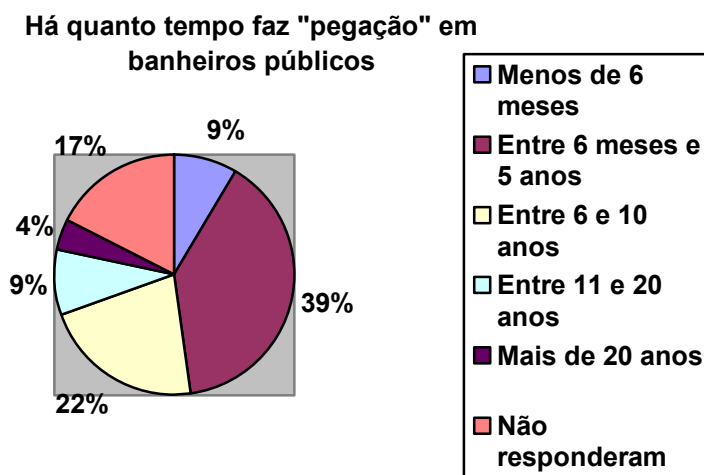
“Pegação” em outros lugares públicos



5.9 - Há quanto tempo faz “pegação” em banheiros públicos

As entrevistas puderam comprovar que esse tipo de interação homoerótica em banheiros públicos não é algo recente. Quando perguntados sobre há quanto tempo faziam “pegação” em banheiros públicos os entrevistados foram bastante heterogêneos, alguns afirmando que já faziam há 10 ou mesmo 20 anos atrás. A partir destas declarações pode-se notar que é um tipo de prática que existe e se mantém ao longo dos anos, não sendo algo criado atualmente ou na última década.

Entre os 23 entrevistados, 2 afirmaram fazer a menos de 6 meses, 9 começaram a fazer entre 6 meses e 5 anos atrás, 5 começaram entre 6 e 10 anos atrás, 2 entre 11 e 20 anos atrás, 1 faz a mais de 20 anos e 4 não responderam.



5.10 - Saber da existência de contatos sexuais entre homens em banheiros públicos

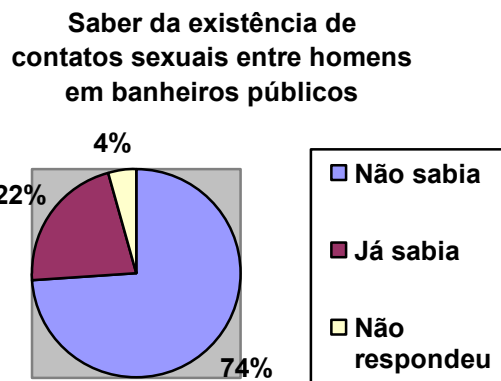
A maior parte dos entrevistados disse não saber da ocorrência de contatos sexuais em banheiros públicos antes de presenciar alguma situação comprometedora, descobrindo, na

maioria das vezes, no mesmo dia em que participou de alguma atividade. Geralmente a descoberta ocorre após olhares que indicam um “reconhecimento” do interesse do outro, levando ao mictório, na maioria das vezes, onde após a exibição do membro rijo ou enrijecendo ocorre masturbação. Alguns afirmam ter descoberto após presenciarem dois homens se masturbando no mictório ou após verem o reflexo no chão de algum homem se masturbando no reservado ao lado, levando a alguma investida por debaixo da divisão entre um reservado e outro.

Os entrevistados falam do “clima” do banheiro, que dá para notar que existe “algo mais” ali que apenas o rotineiro do lugar. Dizem que o olhar é o fator primordial para a “pegação”.

Dos 23 entrevistados, 17 disseram não saber que acontecia “pegação” nos banheiros públicos até participarem e/ou presenciarem algo no lugar, 5 disseram já saber que isso acontecia e 1 não respondeu a pergunta.

Entre os entrevistados que disseram já saber da existência dessa prática, 1 disse ter descoberto pela internet, 1 afirmou já ter notado o “clima” e saber por instinto, 1 disse ter notado após inúmeros “piches de banheiro” sobre isso e 2 apenas disseram que já sabiam.

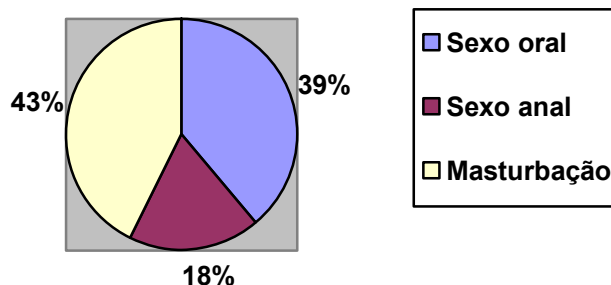


5.11 - Atos sexuais praticados ou sofridos nos banheiros públicos

Os banheiros públicos, de acordo com os entrevistados, podem ser palcos de sexo oral, sexo anal e masturbação. De acordo com os mesmos, o lugar para ocorrência de cada um deles vai depender do fluxo de pessoas no banheiro. Um banheiro menos movimentado permite sexo oral na área dos mictórios, o que não ocorre em banheiros com um trânsito maior de pessoas. Geralmente os mictórios são os locais onde ocorre a masturbação, podendo esta ocorrer também nos reservados por baixo da divisória que separa um reservado do outro ou com dois homens dentro do mesmo. O sexo oral como dito acima pode ocorrer nos mictórios, mas seu local mais comum é dentro dos reservados, assim como o sexo anal. A que se levar em conta que dependendo do movimento de pessoas no banheiro essas três coisas podem ocorrer em qualquer lugar dentro do mesmo. Banheiros sem movimentação ou onde “a coisa é permitida”, viram verdadeiros lugares de orgia.

Dos 23 entrevistados, 9 afirmaram já ter praticado ou sofrido sexo oral, sexo anal e masturbação em banheiros públicos com outros homens, 9 disseram já ter praticado ou sofrido sexo oral e masturbação, 3 afirmaram ter praticado apenas masturbação em si e/ou no outro, 1 disse apenas ter sofrido ou praticado sexo oral e 1 não respondeu a pergunta.

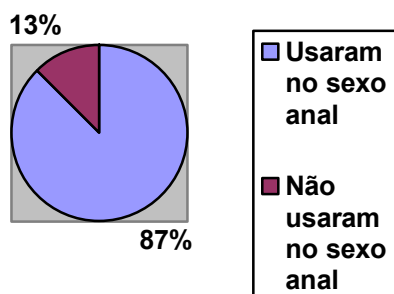
Atos sexuais praticados ou sofridos nos banheiros públicos



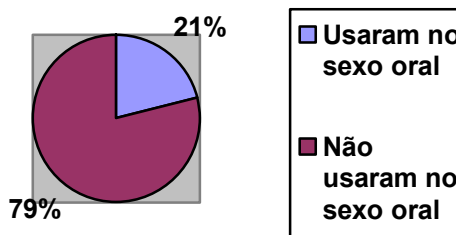
5.12 - Uso de preservativo nos atos sexuais no banheiro público

Quando perguntados sobre a utilização de preservativos nos atos sexuais exercidos nos banheiros públicos, todos os 8 entrevistados que afirmaram ter feito sexo anal disseram ter usado o preservativo. No caso do sexo oral, dos 18 entrevistados que afirmaram ter feito, apenas 4 disseram ter usado preservativo, demonstrando que ainda existe uma quantidade muito pequena do uso do preservativo nesta forma de sexo. Alguns dos entrevistados falaram de maneira envergonhada que não usaram preservativo no sexo oral e que deveriam usar, alguns disseram que no “calor do momento” não usavam para o sexo oral e houve entrevistados que disseram que para a felação não era necessário o uso do preservativo. Nenhum dos entrevistados tocou no assunto da AIDS ou de outras doenças sexualmente transmissíveis quando falaram sobre se usavam ou não o preservativo, nem mesmo aqueles que disseram não usar para o sexo oral.

Uso do preservativo pelos entrevistados no sexo anal na "pegação" em banheiros público



Uso do preservativo pelos entrevistados no sexo oral na "pegação" em banheiros públicos

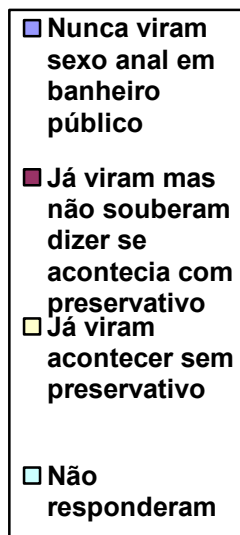
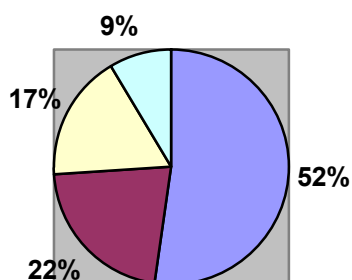


5.13 - Existência de sexo anal acontecendo sem preservativo no banheiro público

Perguntou-se aos entrevistados se estes já haviam visto sexo anal acontecendo no banheiro e se este estava acontecendo com preservativo, independente se já o praticaram ou não no recinto.

Dentre os 23 entrevistados, 12 nunca viram sexo anal acontecendo em banheiros públicos, 5 já viram sexo anal acontecendo, mas não souberam dizer se acontecia com ou sem preservativo, 4 afirmaram já ter visto sexo anal acontecendo sem preservativo no banheiro e 2 não responderam a pergunta.

Ocorrência de sexo anal sem preservativo em banheiros públicos



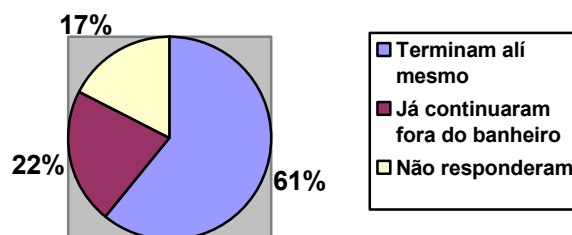
5.14 - Continuidade ou não dos atos sexuais com o(s) parceiro(s) fora do banheiro após o orgasmo

Perguntou-se aos entrevistados se após o orgasmo o contato com o(s) parceiro(s) tinha continuidade fora do banheiro ou terminava ali mesmo. Dos 23 entrevistados, 13 afirmaram

sempre terminar ali mesmo, 5 disseram já ter ido para outros locais com o parceiro e 4 não responderam. Um dos entrevistados disse que geralmente tentava ir para outro lugar com o parceiro, pois tinha medo de ser flagrado. A maioria disse que acaba após o gozo porque o excitante é o “acontecer no banheiro”, o anonimato, a “gozada rápida”, nas palavras de um entrevistado: “o gostoso é ser desconhecido, casual”. Os entrevistados que possuíam namoradas, principalmente, preferiam o término após gozo, pois “quanto mais rápido e menos comprometedor melhor”.

As respostas dos entrevistados corroboram a bibliografia sobre o assunto, demonstrando que as características principais das interações homoeróticas nos banheiros públicos são a impessoalidade e a fugacidade dos contatos. Tenta-se obter o máximo de prazer no mínimo de tempo possível.

Continuação ou não do contato sexual com o parceiro após o orgasmo no banheiro público



5.15 - Locais do banheiro onde os entrevistados costumam fazer sexo (oral ou anal) ou masturbação (a si ou ao outro)

Os banheiros públicos geralmente possuem 2 áreas principais onde os órgãos sexuais ficam a mostra, a área dos mictórios e a dos reservados. Foi perguntado aos entrevistados em que local do banheiro costumam praticar os atos sexuais, seja o sexo oral, o sexo anal ou a masturbação. Tendo-se em vista que o sexo pode ocorrer em qualquer lugar do banheiro, dependendo da movimentação, dividiram-se as respostas dos entrevistados em

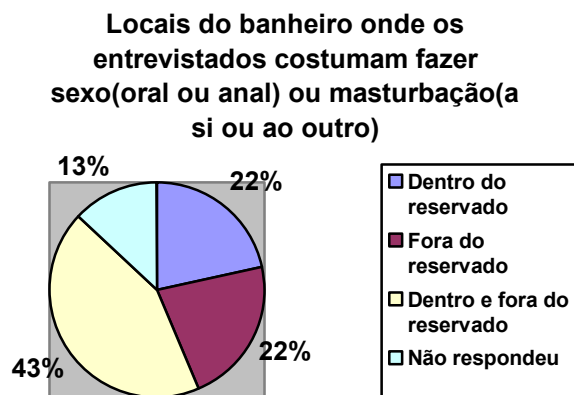
duas categorias: dentro do reservado e fora do reservado. Fora do reservado compreende toda área do banheiro fora dele, ou seja, mictórios, área das pias ou qualquer outro local do banheiro.

O mictório é o lugar onde, de acordo com os entrevistados, você pode “manjar” o pênis do homem ao lado enquanto urina, se for correspondido o contato já acontece ali mesmo. Segundo os entrevistados você pode fingir que urina enquanto espera algum interessado, sem denunciar o seu intuito para aqueles que não se enquadram no contexto da “pegação”. É mais perigoso para o sexo oral na maioria das vezes, devido à exposição, mas para a masturbação mútua é de “fácil recomposição” se entrar alguém durante o ato.

O reservado é preferido por alguns pela menor exposição se for realizar sexo oral ou anal, e por outros pelo medo de serem flagrados fazendo algo indevido no mictório, seja até mesmo a masturbação. No reservado o contato sexual pode acontecer por debaixo das divisões entre um reservado e outro, ou pela entrada de 2 ou mais homens num mesmo reservado.

Dos 23 entrevistados, 5 disseram só fazer sexo(oral e/ou anal) ou masturbar(a si e/ou ao outro) dentro do reservado, 5 disseram só fazer fora do reservado, 10 afirmaram fazer dentro e fora do reservado e 3 não responderam.

Deve-se levar em conta que o primeiro contato visual, gestual ou mesmo oral pode acontecer num determinado local do banheiro e o sexo em outro, ou seja, um homem pode contatar outro no mictório, mas o sexo acontecer no reservado, por exemplo.



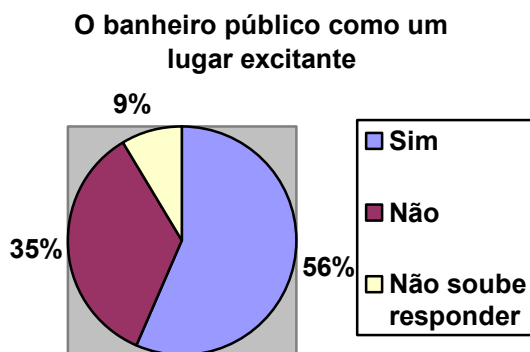
5.16 - O banheiro como lugar que proporciona excitação

O banheiro foi escolhido pelos entrevistados, entre outros lugares de “pegação”, por uma série de fatores subjetivos. Alguns dos citados foram: fetiche, facilidade de conseguir sexo, segurança, rapidez do sexo, anonimato, etc. Foi perguntado aos entrevistados se o banheiro para eles era um lugar excitante, já que foi escolhido entre outros lugares que proporcionavam algumas das mesmas características citadas, tirando claro a do fetiche pelo lugar.

Entre os 23 entrevistados, 13 responderam que sim, o banheiro era um lugar excitante para eles, 8 responderam que o banheiro não era um lugar excitante e 2 não souberam responder a pergunta.

Muito daqueles que responderam que o banheiro era um lugar excitante, disseram que se excitavam pelo fato de ali ser um lugar “só de homens”, “proibido para mulheres”, “por ser um símbolo de masculinidade”, um “fetiche”. Alguns afirmaram se excitar porque ali é “onde as pessoas revelam a sua intimidade”, por ter “pirocas balançando e mijando”, pelo “cheiro de homem”.

Dentre os entrevistados que afirmaram não achar o banheiro um lugar excitante, a justificativa para procurarem sexo lá foi “a possibilidade de aliviar o tesão”, “a disponibilidade de sexo”, “o perigo” e “a falta de opção”.

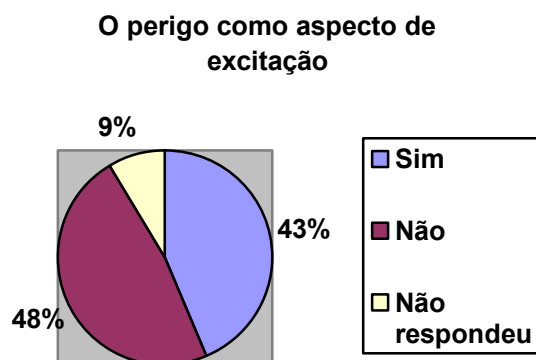


5.17 - O perigo como aspecto de excitação

Por ser um local público e que não possui como finalidade o sexo, o perigo em ser flagrado por alguém e as conseqüências desse flagra, são elementos muito presentes nesta prática. Foi perguntado aos entrevistados se o perigo em ser flagrado era algo excitante para eles.

Dos 23 entrevistados, 11 afirmaram não se excitar com o perigo, 10 disseram ser o perigo algo excitante e 2 não responderam.

Aqueles que disseram se excitar com o perigo, afirmaram “ser a adrenalina uma das partes melhores”, “o friozinho na barriga”, “o fato de poder ser flagrado com as calças na mão” ou “o risco de ser descoberto”.



5.18 - O sentimento depois da “pegação”

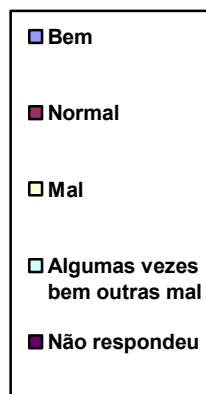
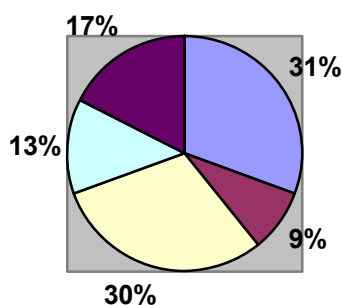
Os sentimentos após a ejaculação podem ser os mais variados, por isso foi perguntado aos entrevistados como estes se sentiam após a “pegação”, após ejacular e irem embora.

Dos 23 entrevistados, 7 afirmaram se sentir bem ou satisfeito, 3 disseram que dependendo das vezes se sentem bem ou mal, 2 disseram se sentir “normais”, 7 disseram sentir-se mal e 4 não responderam a pergunta.

Aqueles que disseram se sentir mal após a “pegação”, foram os que mais usaram adjetivos para definir o que sentiam: mal, culpado, sujo, nojento, pesado, cansado, frustrado, vazio, nervoso, inferioridade, solidão, consciência pesada e pudor exacerbado. Alguns disseram que tentavam não fazer, mas que muitas vezes não conseguiam se conter e quando se davam conta “já estavam lá fazendo”, demonstrando muitas vezes um caráter compulsivo.

Entre os que disseram se sentir bem após a “pegação” os termos usados foram: bem, ótimo, leve, aliviado, satisfeito, realizado, gostoso, saudável, livre, muito bem e muito satisfeito. Dentre estes, 1 deles afirmou se sentir mais excitado ainda depois que terminava a “pegação” com outro homem, precisando desesperadamente fazer com mais outros dois, três ou até mesmo quatro para se sentir satisfeito.

Geralmente como se sentem após a “pegação”



Conclusão

Através da realização deste estudo pode-se tomar conhecimento de maneira ampla sobre a questão do sexo impessoal entre homens em locais públicos, mais especificamente os banheiros. O extenso levantamento bibliográfico sobre o tema, assim como a pesquisa em comunidades próprias na Internet, as entrevistas e as observações de campo, foram de suma importância para compreender e descrever de forma clara o fenômeno.

Sem dúvida o estudo se mostrou inovador e audacioso, não apenas por se tratar de um tema ligado ao homoerotismo, que ainda gera determinado receio no meio acadêmico, mas sobretudo por discutir uma prática clandestina tão comum no cotidiano de cidades como o Rio de Janeiro e ao mesmo tempo tão negligenciada como objeto de estudo no Brasil.

A ausência de bibliografia específica sobre o assunto no Brasil gerou uma busca detalhada em livros que tratavam de temas ligados a questões como homoerotismo, erotismo, sexo, cultura, entre outros. A partir disso pode-se fundamentar o trabalho de maneira confiável, clara e objetiva, sendo de fundamental importância o estudo feito por Humphreys em 1968 sobre os banheiros onde ocorria o mesmo tipo de relação homoerótica impessoal.

A prática do sexo impessoal em banheiros não se mostrou como algo recente no Brasil, já existindo registros que demonstram ser uma prática institucionalizada no Rio de Janeiro. A sua base no anonimato, impessoalidade e fugacidade das relações se mostrou muito parecida com a estudada por Humphreys nos EUA.

Desvendou-se serem os praticantes qualquer pessoa comum que entra num banheiro público, não existindo um padrão de idade, nível sócio-econômico, grau de instrução, tipo físico ou de vestimenta específica. Esses homens não sendo necessariamente solteiros, existindo homens casados, que vêm à neutralidade do local, o anonimato, a fugacidade e a impessoalidade como formas de realização dos seus desejos, sem prejuízo à sua reputação por serem vistos entrando num gueto gay.

O sexo ocorre em qualquer parte do banheiro, dependendo do banheiro é claro, podendo ser oral, anal ou masturbação. O uso de preservativo nem sempre parece acontecer, existindo sexo anal sem preservativo, assim como a maioria do sexo oral. O banheiro demonstra despertar excitação em uma grande parcela de homens devido à sua exclusividade masculina, sua intimidade ou o perigo que gera numa relação clandestina.

Os contatos eróticos demonstraram não se estender fora do banheiro em locais íntimos, como quartos de motel por exemplo, geralmente iniciando e finalizando-se no próprio banheiro ou algum local próximo como uma escada de incêndio. O grau de satisfação proporcionado se mostrou um dado curioso, pois o número de entrevistados que afirmou se sentir geralmente bem após a “pegação” foi praticamente igual ao que afirmou se sentir mal, alguns afirmando se sentirem “normais” e outros que o sentimento variava sempre entre bem e mal. Alguns demonstrando um caráter muitas vezes compulsivo na realização do “banheirão”, não querendo realizá-lo, mas não conseguindo conter o impulso. (sic)

Desenvolveu-se uma série de códigos para se reconhecer quem busca esse tipo de interação, buscando um menor desperdício de tempo na identificação e um menor risco de falhas. São sinais, mínimos às vezes, que serão estudados e valorizados para formar uma imagem das intenções e encantos do outro, sendo geralmente aprendidos *in lócus* e aperfeiçoados ao longo do tempo. Esses códigos são identificados pelos participantes através da troca de olhares, que se mostra de extrema importância nessas relações impessoais, anônimas e fugazes. A fala na maioria das vezes não chega a ocorrer.

Qualquer banheiro parece dar margem a essas relações, sendo que banheiros sem porta, com portas baixas, com vidros ou muito próximas ao local principal da “pegação” fazem com que este não seja muito propício, já que oferece um risco maior, assim como lugares com uma fiscalização muito rigorosa. Banheiro com áreas escondidas da visão da porta, mas com portas barulhentas e pouca vigilância, se mostraram como sendo os mais procurados.

Segundo palavras dos próprios entrevistados, os praticantes demonstraram estar lá “pela facilidade de encontrar sexo”; “é prático”; “oferece menos perigo que outros locais

públicos como praças e parques”; “é um lugar excitante”; “é sensação de satisfação rápida, anônima. Sexo pelo sexo”; “você vai com a certeza de que vai transar sem ter que conversar muito”; “todos são iguais”; “excita o risco de ser descoberto”.

Concluiu-se neste estudo a existência de uma forma de conceituação e organização dos desejos e práticas homoeróticas que convergiu em grande parte para a erotização do espaço público, ou seja, qualquer espaço público pode dar margem a aventuras sexuais de caráter homoerótico baseadas na impessoalidade. O banheiro parece ter ganhado um papel de destaque quando se trata de interações homoeróticas de caráter fugaz, tendo sido criada uma subcultura do prazer envolvendo esse local, gerando códigos específicos entre os participantes, citações em guias gays, sites, blogs e discussões em comunidades na Internet.

Bibliografia

ALBERONI, Francesco. O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BARTHES, Roland. O neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENITES, Maria José de Oliveira. Fantasias sexuais dos “travestis”. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, São Paulo, v.7, edição especial 1, mar.1996, p.26-43.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Márcio (coords.) Política, direito, violência e homossexualidade: 8º Parada do orgulho GLBT – Rio – 2003. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DANIEL, Marc & BAUDRY, André. Os homossexuais. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

FREITAS, Karen Bruck de. Pesquisa comportamental: homens que fazem sexo com homens. In: PARKER, Richard & TERTO Jr., Veriano (orgs.) Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. p.89-97.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIDDENS, Anthony. As transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1992.

GOZANDO A VIDA. Blog, Rio de Janeiro, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.gozandoavida.blogspot.com>>. Acesso em: 6 nov. 2004.

GREEN, James N. Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

GUIA 17º CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA ILGA. Associação Internacional de Gays e Lésbicas, Rio de Janeiro, jun. 1995.

GUIA GAY RIO. O guia completo da pegação e paquera no Rio de Janeiro para gays, bi e curiosos, Rio de Janeiro, jun. 2003.

GUIMARÃES, Carmen Dora. "Casos e acasos". Anais. IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro. São Paulo: ABEP, v.1, 1984, p.575-586.

----- O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HITE, Shere. O relatório Hite sobre sexualidade masculina. São Paulo: Difel, 1982.

HUMPHREYS, Laud. Tearrom trade: impersonal sex in public places. In: LEAP, William L. (org.) Public sex, gay space. New York: Columbia, 1999.

LESSA, Ivan. BBCBrasil online, fev. 2003. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030205_ivanlessa.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2004.

LIMA, Delcio Monteiro. Comportamento sexual do brasileiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MACRAE, Edward. A homossexualidade. In: Macho masculino homem: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro. São Paulo, LP&M, 1986. p.64-71.

MIXBRASIL. Disponível em: <<http://mixbrasil.com.br>>. Acesso em: 19 nov. 2004.

MOTT, Luiz. Crônicas de um gay assumido. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NASCIMENTO, Julio César Cordeiro. Ser homossexual no Brasil e não, o “ser” homossexual brasileiro. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, São Paulo, v.7, edição especial 1, mar.1996, p.44-56.

NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NUNAN, Adriana & JABLONSK, Bernardo. Homossexualidade e preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.54, n.1, 2002. p.21-32.

ORKUT. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

PARKER, Richard. Abaixo do Equador. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

----- Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, Richard; MOTA, Murilo; ALMEIDA, Vagner de; TERTO Jr., Veriano; RAXACH, Juan. Práticas sexuais e mudança de comportamento entre homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro, 1990-1995. In: PARKER, Richard & TERTO Jr., Veriano (orgs.) Entre homens: Homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. p.15-48.

PASSARELLI, Carlos André. A construção social da perversão. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, São Paulo, v.7, edição especial 1, mar.1996, p.13-25.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. O negócio do michê. Prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ÁRIES, Philippe & BEJIN, André (orgs.) Sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.54-76.

PROPATO, Valéria. Meus pais sabem. Istoé online, n.1556, Jul. 1999. Disponível em: <<http://www.istoeonline.com.br>>. Acesso em: 19 nov. 2004.

ROCHA, Ruth. Minidicionário enciclopédico escolar. São Paulo: Scipione, 2000.

SÍVORI, Horacio Federico. Public sex, gay space. Mana online, v.8, n.2, out.2002, p.202-206. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 19 nov. 2004.

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

TAKAHASHI, Mutsuo. Autorretrato com un glorioso hueco. In: VILLENA, Luis Antonio de. Amores Iguales: Antología de la poesía gay y lesbica. Madrid: La Esfera, 2002. p.332-333.

TACHIZAWA, Takeshy & MENDES, Gildásio. Como fazer monografia na prática. 9 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TERTO, Veriano. No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 1989.

UOLBLOG. Blog. Disponível em: <http://blog.uol.com.br>. Acesso em: 25 set. 2005.

Referências Bibliográficas

ALBERONI, Francesco. O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BARTHES, Roland. O neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Márcio (coords.) Política, direito, violência e homossexualidade: 8º Parada do orgulho GLBT – Rio – 2003. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DANIEL, Marc & BAUDRY, André. Os homossexuais. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

FREITAS, Karen Bruck de. Pesquisa comportamental: homens que fazem sexo com homens. In: PARKER, Richard & TERTO Jr., Veriano (orgs.) Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. p.89-97.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Brasiliense, 1983.

GUIA 17º CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA ILGA. Associação Internacional de Gays e Lésbicas, Rio de Janeiro, jun. 1995.

GIDDENS, Anthony. As transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1992.

GREEN, James N. Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

GUIMARÃES, Carmen Dora. "Casos e acasos". Anais. IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro. São Paulo: ABEP, v.1, 1984, p.575-586.

----- O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HITE, Shere. O relatório Hite sobre sexualidade masculina. São Paulo: Difel, 1982.

HUMPHREYS, Laud. Tearrom trade: impersonal sex in public places. In: LEAP, William L. (org.) Public sex, gay space. New York: Columbia, 1999.

LESSA, Ivan. BBCBrasil online, fev. 2003. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030205_ivanlessa.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2004.

MACRAE, Edward. A homossexualidade. In: Macho masculino homem: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro. São Paulo, LP&M, 1986. p.64-71.

MOTT, Luiz. Crônicas de um gay assumido. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NUNAN, Adriana & JABLONSK, Bernardo. Homossexualidade e preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.54, n.1, 2002. p.21-32.

ORKUT. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

PARKER, Richard. Abaixo do Equador. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

----- Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, Richard; MOTA, Murilo; ALMEIDA, Vagner de; TERTO Jr., Veriano; RAXACH, Juan. Práticas sexuais e mudança de comportamento entre homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro, 1990-1995. In: PARKER, Richard & TERTO Jr., Veriano (orgs.) Entre homens: Homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. p.15-48.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. O negócio do michê. Prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ÁRIES, Philippe & BEJIN, André (orgs.) Sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.54-76.

PROPATO, Valéria. Meus pais sabem. Istoé online, n.1556, Jul. 1999. Disponível em: <<http://www.istoeonline.com.br>>. Acesso em: 19 nov. 2004.

ROCHA, Ruth. Minidicionário enciclopédico escolar. São Paulo: Scipione, 2000.

SÍVORI, Horacio Federico. Public sex, gay space. Mana online, v.8, n.2, out.2002, p.202-206. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 19 nov. 2004.

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

TAKAHASHI, Mutsuo. Autorretrato com un glorioso hueco. In: VILLENA, Luis Antonio de. Amores Iguales: Antología de la poesía gay y lesbica. Madrid: La Esfera, 2002. p.332-333.

TERTO, Veriano. No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 1989.

UOLBLOG. Blog. Disponível em: <http://blog.uol.com.br>. Acesso em: 25 set. 2005.

Anexos

Anexo A

Questionário Semi-estruturado de Entrevistas

- 1) Idade? Grau de escolaridade? Estado civil? Bairro de residência?
- 2) Orientação sexual?
- 3) Trabalha?
- 4) Tem namorado/a?
- 5) O que você entende por “pegação”?
- 6) Você já fez/faz pegação em banheiros públicos?
- 7) Quantos anos você tinha quando aconteceu o primeiro contato sexual com outro homem num banheiro? Como foi que aconteceu?
- 8) Como se deu o primeiro contato?
- 9) Como costuma se dar à abordagem?
- 10) Você fez/faz “pegação” mesmo namorando? Por quê?
- 11) Você sabia que acontecia “pegação” em banheiros ou simplesmente descobriu sozinho no próprio banheiro?
- 12) Ocorre geralmente que tipo de contato sexual no banheiro?
- 13) Em que parte do banheiro costumam acontecer os contatos sexuais?

- 14) O sexo (oral e anal) ocorre com ou sem preservativo?
- 15) O contato termina ali mesmo após o orgasmo ou tem continuidade fora do banheiro?
- 16) O banheiro é um lugar que te excita? Por quê?
- 17) Os banheiros têm que ter alguma estrutura física especial para acontecer a “pegação”?
- 18) Você já foi flagrado por algum segurança, faxineiro, policial, etc? Se sim, o que você fez?
- 19) O perigo te excita?
- 20) Já fez /faz “pegação” em outros lugares públicos?
- 21) Como você se sente depois da “pegação”?
- 22) Você se define como ativo, passivo ou os dois?
- 23) Seus amigos sabem que você já fez/faz “pegação” em banheiros?

Anexo B

Entrevistados

| Nome | Idade | Grau de escolaridade | Estado Civil | Orientação sexual | Bairro de residência |
|-------------|--------------|-----------------------------|---------------------|--------------------------|-----------------------------|
| Fernando | 18 anos | Superior incompleto | Solteiro | Bissexual | Campo Grande |
| Cristiano | 18 anos | 2º grau completo | Solteiro | Homossexual | Del Castilho |
| Wallace | 19 anos | Superior incompleto | Solteiro | Gay | Campo Grande |
| Geraldo | 22 anos | Superior incompleto | Solteiro | Gay | Vila Isabel |
| Saulo | 23 anos | Superior incompleto | Solteiro | Gay | Jacarepaguá |
| João | 23 anos | Superior incompleto | Solteiro | Gay | Vila da Penha |
| Victor | 23 anos | Superior incompleto | Solteiro | Heterossexual | Tijuca |
| Carlos | 24 anos | Superior incompleto | Solteiro | Heterossexual | Ilha do Governador |
| Ricardo | 24 anos | Superior incompleto | Solteiro | Bissexual | Andaraí |
| Humberto | 24 anos | Superior completo | Solteiro | Homossexual | Tijuca |
| Darlan | 26 anos | Superior completo | Solteiro | Gay | Grajaú |
| Marcos | 26 anos | Superior completo | Solteiro | Homossexual | Jacarepaguá |
| José | 27 anos | Superior completo | Solteiro | Gay | Jacarepaguá |
| Walter | 28 anos | Superior completo | Solteiro | Bissexual | Tijuca |
| Gustavo | 28 anos | Superior incompleto | Solteiro | Bissexual | Tijuca |
| Juliano | 28 anos | Superior incompleto | Solteiro | Gay | ***** |
| Tony | 28 anos | Superior completo | Solteiro | Homossexual | Tijuca |

| | | | | | |
|----------|---------|-------------------|----------|-------------|--------------|
| Maurício | 28 anos | Superior completo | Solteiro | Gay | Copacabana |
| Rubens | 38 anos | Superior completo | Solteiro | Homossexual | Santa Teresa |
| Josué | 40 anos | Superior completo | Solteiro | Bissexual | Laranjeiras |
| Roberto | 42 anos | Superior completo | Solteiro | Bissexual | Humaitá |
| Bruno | 44 anos | Superior completo | Casado | Bissexual | Niterói |
| Paulo | 45 anos | Superior completo | Solteiro | Homossexual | Magé |